3 1761 07046192 6

CANCIONEIRO DE COIMBRA

em que ſe contêm poeſias portugueſas,
& nos saudoſos campos inſpiradas,
deſde o ſeculo XV até aos
noſſos tempos, com uma
ſylva de romances
& cantigas tra-
dicionais

Eſcolhidas por Affonſo Lopes Vieira

PQ
9151
V54

França Amado. Editor & impreſſor
COIMBRA
1918

CANCIONEIRO DE COIMBRA

CANCIONEIRO DE COIMBRA

em que ſe contêm poeſias portugueſas,
& nos saudoſos campos inſpiradas,
deſde o ſeculo XV até aos
noſſos tempos, com uma
ſylva de romances
& cantigas tra-
dicionais

Eſcolhidas por Affonſo Lopes Vieira

França Amado. Editor & impreſſor
COIMBRA
1918

PQ
9151
V54

Um antigo poeta português houve — Jorge de Montemór — que em moço se mudou para Castela e lá viveu e compôs, em castelhano, a sua tam célebre « Diana ». Mas quando por fim nos fala de Coimbra e relembra a « fermosa ribeyra », subito escreve em língua portuguesa e, com sentimento e linguagem nossa, lindas palavras encontra: « O dia que te meus olhos não viam, jamais se alevantavam a cousa que lhes desse gosto... » Ausentes de Coimbra, todos que a amâmos somos um pouco como Jorge de Montemór, porque basta que ela se nos levante na memoria para que na alma acorde a ternura que ela apenas sabe despertar. Para consôlo das nossas saudades, e em honra e louvor de Coimbra, se ordenou este livrinho de orações lusas, em que sua beleza é celebrada. — Beleza composta de sortilégios, de incantação envolvedora e vaga, desde sempre os poetas a sentiram, e ela foi a Bem-Amada que nos húmidos longes da Paisagem lhes ofertou o Filtro das saudades portuguesas. No surdo e fluido esplendor do seu Ar de perolas desfeitas em aladas neblinas, a alma dos poetas afinou-se e cantou, casando-se ao adagio das cousas; porque só ai podem os sonhos abrir à luz seus olhos místicos, sem que as melindrosas pupilas se magôem. Musa de Portugal, meiga Dona dos choupos finos e das claras águas, este livro pertence-lhe, e na

luminosa penumbra da sua scisma ecoam as vozes que a cantaram, embalaçadas na melodia branda que ela exala. Terra nostálgica, mercê da emanação da sua própria alma ela nos resta como uma das tam poucas cidades do mundo onde o Sonho persiste, por mais que os homens cerrem os olhos à sua magia ou ousem mascarar-lhe o semblante. Assim Florença — sua irmã pelo mistério da paixão que inspira aos que a adoram — guarda intacta a flor do Sonho invencivel...

De Coimbra juntou-se neste livro o que de mais sentido e belo ela sugeriu aos seus amorosos — o mesmo é dizer: muitas das mais lindas e fundas expressões da nossa Poesia — e todos lhe entoam a loa de amor, com seus próprios amores a confundindo, por modo que o Lirismo Português a tem por madre e senhora sua. Jámais em tam saudosos campos floresceram tantas saudades. E como saudades sempre vivas, nela demoram as presenças da grande Amada e da Santa suave, doces sombras que neste livro perpassam. Saudosos campos: da vossa alma este Cancioneiro nasceu. E para quem vos ama se ordenou o livrinho de orações.

Agosto de 1917.

A. L. V.

E finalmente he esta cidade como alma deste Reyno, coroada & sempre leal, & hũa fermosa imagem...

Fr. Heitor Pinto.

GARCIA DE RESENDE

TROUAS Á MORTE DE DÕA YNES DE CASTRO

que elrrei Dõ Afonso o quarto, de Portugal, matou ẽ Coimbra, por o principe Dom Pedro, seu filho, a ter como mulher, e, pelo bem q̃ lhe queria, nam queria casar

ENDEREÇADAS HAS DAMAS

Senhoras, salgum senhor
vos quiser bem ou servir
quem tomar tal servidor,
eu lhe quero descobrir
o gualardam do amor.
Por sua mercê saber
o que deve de fazer,
veja que fez ésta dama
que dessy vos daraa fama
sestas trovas quereis ler.

FALA DONA YNES

Qual seraa o coraçam
tam cru e sem piadade,
que lhe nam cause paixam
hũa tam gram crueldade,
e morte tam sem rrezão !
Triste de mym, ynocente,
que por ter muito fervente
lealdade, fee, amor
ho principe, meo senhor,
me mataram cruamente.

A mynha desaventura,
nam contente dacabar-me,
por me dar mayor tristura,
me foy pôr em tantaltura
para dalto derribar-me.
Que se me matára alguem,
antes de ter tanto bem,
em tays chamas nam ardêra :
pay, fi!hos nam conhecêra,
nem me chorára ninguem.

Eu era moça menina,
per nome dóna Ignês
de Crasto ; e de tal doutrina
e vertudes, quera dina
de meo mal ser ho rreves.
Vivia sem me lembrar,
que paixam podia dar,
nem dala ninguem a mym ;
foymo principe olhar,
por seu nojo e minha fym.

Começou-ma desejar ;
trabalhou por me servir ;
fortuna foy ordenar
dous corações conformar
a hũa vontade vir.
Conheceo-me ! conheci-o !
quys-me bem ! e eu a elle !
perdeo-me ! tambem perdio-o !
nunca tee morte foy frio
o bem que, triste, pus nele.

Dey-lhe minha liberdade ;
nam senty perda de fama ;
pus nele minha verdade ;
quys fazer sua vontade,
sendo muy fremosa dama.
Por méstas obras paguar,
nunca jámais quys casar ;
polo qual aconselhado
foy elrey, quera forçado,
polo seu de me matar.

Estava muy acatada ;
como princesa servida ;
em meos paços muy honrada :
de tudo muy abastada ;
de meo senhor muy querida.
Estando muy devaguar,
bem fóra de tal cuidar,
em Coymbra de seseguo
polos campos do Mondeguo
cavaleyros vy somar.

Como as cousas, quã de ser,
loguo dam no coraçam,
comecey entrestecer
e comiguo soo dizer :
¡ estes omeẽs d'onde yrãm !
E tanto que preguntey,
soube loguo queera elrei ;
quando o vi tam apressado,
meo coraçam trespassado
foi, que nunca mays faley.

E quando vy que decia,
sahy ha porta da sala,
devinhando o que queria,
com gram chôro e cortesya
lhe fiz hũa triste fala.
Meos filhos pus derredor
de mym, cõ gram omildade,
muy cortada de temor
lhe disse : « avey senhor,
desta triste piadade !

Não possa mais a paixam
que o que deveys fazer !
metey nisso bem a mam
que é de fraco coraçam
sem porque matar molher.
Quanto mays a mym, q̃ dam
culpa, nam sendo rrezam
por ser mãy dos ynocentes,
quante vós estam presentes,
os quaes vossos netos sam.

E tem tam pouca ydade,
que senam forem criados
de mym soo com saudade,
e sua gram orphindade,
morreram desemparados.
Olhe bem quanta crueza
faraa nisto vossaltesa ;
e tambem, senhor, olhay,
pois do princepe sois pay
nam lhe deis tanta tristeza.

Lembre-vos o grande amor,
que me vosso filho tem,
e que sentiraa gram dôr
morrer-lhe tal servidor,
por lhe querer grande bem.
Que salgũ êrro fizera
fôra bem que padecêra,
e questes filhos ficaram
orfaãos tristes, e buscaram
quẽ deles paixam ouvera.

Mas poys eu nunca errey,
e sempre merecy mais,
deveys, poderoso rrey,
nam quebrantar vossa ley,
que, se moyro, quebrantays.
Usay mais de piadade
que de rrigor nem vontade !
avey doo senhor, de mim,
nam me deis tam triste fim,
pois q̃ nunca fiz maldade. »

Elrrei, vendo como estava,
ouve de mym compaixam
e vyo, o que nam olhava,
que eu a ele não errava,
nem fizera traiçam.
E, vendo quam de verdade
tive amor e lealdade
hoo principe, cuja sam
pôde mais a piadade
que a determinaçam.

Que semelle defendêra,
e a seu filho não amasse,
e lhe eu não obedecêra,
entam com rrezam podéra
dar-má moorte, que ordenasse.
Mas, vendo que nenhũ ora
des que nacy atégora,
nunca nisso me falou,
quando se disto lembrou
foy-se pola porta fóra,

Com seu rosto lagrimoso,
co proposito mudado,
muyto triste, muy cuidoso,
como rrey mui piadoso,
muy cristam e esforçado.
Hũ daqueles que trazia
comsigo na companhya,
cavaleiro desalmado,
detras dele, muy yrado,
estas palavras dezia :

« Senhor vosa piadade
« he dina de rreprender
« pois que, sem necessidade,
« mudaram vossa vontade
« lagrymas dũa molher.
« E quereis cabarreguado,
« com filhos, como casado,
« estê, senhor, vosso filho ?
« de vós mais me-maravilho,
« que dele quee namorado.

« Se a loguo nam matais,
« nam sereis nunca temido,
« nem faram o que mandays,
« poys tam cêdo vos-mudays
« do conselho que era avido.
« Olhay quam justa querela
« tendes pois por amor dela !
« vosso filho quer estar
« sem casar e nos quer dar
« muita guerra com Castela.

« Com sua morte escusareis
« muytas mortes, muytos danos ;
« vós, senhor, descanssarêis,
« e a vós e a nós dareis
« paz para duzentos annos.
« O principe casaraa
« filhos de bençam teraa
« seraa fóra de pecado ;
« caguora seja anojado
« amanhã lhe esqueceraa. »

E ouvyndo seu dizer
elrrey ficou muy torvado,
por se em taes estremos ver,
e que avya de fazer
ou hũ, ou outro... forçado.
Desejava dar-me vida
por lhe nam ter merecida
a morte nem nenhũ mal ;
sentya pena mortal
por ter feyto tal partida.

E vendo que se lhe dava
a ele toda ésta culpa,
e que tanto o apertava,
disse aaquelle que bradava :
— « minha tençam me desculpa :
« Se o vós quereis fazer,
« fazei-o sem mo dizer,
« queu nisso nam mando nada,
« nem vejo hẽ essa coytada
« porque deva de morrer. »

Dous cavaleyros yrosos,
que taes palavras lhouvirã
muy crus e nam piadosos,
perversos, desamorosos,
contra mym rijo se-vyram !
Com as espadas na mam
matravessam o coraçam !
a confissam me-tolheram !
este he o gualardam
que meos amores me deram.

GIL VICENTE

DA « COMEDIA SOBRE A DEUISA DA CIDADE DE COIMBRA »

Comedia representada ao muyto alto, poderoso, & não menos Christianissimo Rey dom João o terceyro em Portugal deste nome. Estando na sua muyto honrrada nobre & sempre leal cidade de Coimbra. Na qual comedia se trata o que deue significar aquella Princesa, Lião, & Serpente, & calez ou fonte que tem por deuisa, & assi este nome Coimbra donde procede, & assi o nome do rio & outras antiguidades a que não he sabido verdadeyramente seu origem, tudo composto em louuor & honrra da sobredita cidade. Feyta & representada era do Senhor MDXXVII.

ARGUMENTO

PEREGRINO

Pois que o honor do mundo presente
se daa com razam aa antiguidade,
infinita honrra tem esta cidade
segundo se escreue copiosamente.
E a honrra mayor
he, que o altissimo Emperador
vossas Magestades, a sacra Emperatriz,
a alta Duquesa dona Breatiz,
se sois sacros fructos, daqui foy a flor.

Tambem a Raynha que he Dinglaterra
e a verdadeyra Raynha de França,
a quem Deos Deos nosso dee tanta bonança
como daa Mayo aas flores da serra.
O lucido Infante,
Rey duque Daustria, Eytor melitante,
e o sacrosancto nosso Cardeal,
os nobres infantes, bem de Portugal
daqui procedestes, e his adiante.

Assi que os principes da Christandade
que agora reynam, daqui floreceram,
aqui jaz o Rey de que procederam,
e que o fez Rey senão esta cidade.
Porem muyto antes,
ante que ouuesse aqui nunca habitantes,
sendo isto serra de grande montanha,
no tempo que Merida veo a Hespanha,
e os montes Darmenia eram de gigantes.

Veo de laa aqui habitar
hum feroz saluagem gigante senhor,
e por ser historea de gosto e sabor,
ordena o autor de a representar.
Porque vejais
que cousas passarão na serra onde estais
feitas em Comedia muy chaam e moral
e os mesmos da historia pollo natural,
e quanto falaram, nem menos nem mais.

Por ella vereis porque esta cidade
se chama Coimbra, e donde lhe vem
o Liam, e Serpe, e Princesa que tem
por sua deuisa ja danteguidade.
E por prouas certas
vereis donde veo, e de que planetas
que falam aqui rouquenhos os moços,
e todalas moças tem curtos pescoços,
e mãos rebuchudas, e as vnhas pretas.

Outro si as causas porque aqui tem
os clerigos todos muy largas pousadas,
e mantem as regras das vidas casadas
desta anteguidade procedem tambem.
Sem serem culpados,
porque sam leis dos antigos fados,
cousa na terra ja determinada,
que os sacerdotes que nam tem ninhada
de clerigozinhos, sam escomungados.

E a causa porque as molheres daqui
sam milhor casadas que as Deuora monte,
porque esta comedia vos mostraraa a fonte

de todalas cousas, que ouuistes aqui.
Ja sabeis senhores
que toda a Comedia começa em dolores
e inda que toque cousas lastimeyras
sabey que as farsas todas chocarreyras
nam são muyto finas sem outros primores.

Entraraa primeyro hum homem laurador
que em tempo daquelle saluage moraua
ca noutra serra, onde soo laurava
com filhos e filhas e grande dolor.
O qual se lamenta
da aduersa fortuna em que corre tromenta,
e porque a Comedia vay tam declarada
e tam raso o estilo nam serve de nada
o mais argumento, e cerro a emmenta.

DA « FARSA DOS ALMOCREVES »

Esta seguinte farsa fõy feyta & representada ao muyto poderoso & excelente Rey dom Ioam o terceyro em Portugal deste nome na sua cidade de Coimbra, na era do Senhor de MDXXVI. Seu fundamento he, que hum fidalgo de muyto pouca renda usaua muyto estado, tinha capelam seu, & ouriuez seu, & outros officiaes, aos quaes nunca pagaua. E uendose o seu capelam esfarrapado & sem nada de seu, entra dizendo

Pois que nam posso rezar
por me ver tam esquipado,
por aqui por este arnado
quero hum pouco passear
por espaçar meu cuydado.
E grosarey o romance
de yo me estaua en Coimbra
pois Coimbra assi nos cimbra
que nam ha quem preto alcance.

Grosa

Yo mestava en Coimbra
cidade bem assentada
polos campos de Mondego
nam vi palha nem ceuada.

Quando aquilo vi mezquinho
entendi que era cilada
contra os caualos da corte
e minha mula pelada.
Logo tive o mao sinal
tanta milhaam apanhada
e a peso de dinheyro
oo mula desemparada.
Vi vir ao longo do rio
hũa batalha ordenada
nam de gentes, mas de mus
com muyta raya pisada,
a carne estaa em Bretanha
e as couues em Biscaya.
Sam capelam dum fidalgo
que nam tem renda nem nada,
quer ter muytos aparatos
e a casa anda esfaymada.
Toma ratinhos por pagẽs
anda ja a cousa danada,
querolhe pedir licença
pagueme minha soldada.

BERNARDIM RIBEIRO

DA « EGLOGA QUINTA »

Toda a pena me he presente
e a gloria de mi se alhea,
e posto que sam doente
pera este mal não consente
haver arte Apolinea.
Estes ares são mortais
e o que mais me desbarata
e dá dores desiguais,
he lembrar-me os sinceirais
de Coimbra, que me mata.

E vivendo triste, cego,
nam sey, mezquinho, que faça;
estou metido em tal pego
que sospiro por Mondego

e choro por a Regaça.
O meu mal é tam sobejo
que parte não sey de mi,
e finjindo no desejo,
como que a Mondego vejo
muitas vezes digo assi :

Ó Mondego, meu amigo
e senhor das claras agoas,
a ti só meus males digo,
minhas magoas vam contigo,
contigo vam minhas magoas...

CRISTOVAM FALCÃO

DAS « TROVAS DE CRISFAL »

Desque aqui com meu cuidado
me estive fazendo guerra,
sendo o dia já passado
vi-me levado da terra
contra as nuvẽs alçado.
Então, como ave voante,
de quem me alli trouxera
sonhei que levado era
contra onde a tarde ante
o sol vi que se posera.

Indo nam com menos dor,
em que já com mais sossego,
os ventos me forão por
depois de passar Mondego
sobre as serras de Lor.
Vão alli grandes montanhas
de alguns valles abertas,
todas de soutos cubertas,
aos naturais estranhas
mas á saudade certas.

Junto de hũa fonte era
o lugar onde fui posto,
onde se-lo não quisera,
sendo bem lugar de gosto

pera quem gosto tivera ;
mas a mim nem o passado
nem o que me era presente
nada me não fez contente,
que nisto o magoado
he como o muito doente.

Cuberta era a fonte
de tão fresco arvoredo,
que não sei como o conte,
mui quieto e mui quedo,
por ser antre monte e monte ;
a noite de ventos muda,
como saudade escolha,
e, porque mais prazer colha,
chovia agoa meuda
por cima da verde folha...

FRANCISCO DE SÁ DE MIRANDA

CARTA A PERO CARVALHO

No lugar onde me vistes
De agua e do monte cercado
E de outros males que ouvistes,
Tenho mais dias contado
De ledos que não de tristes.
Isto que ora ouvis de mim,
Não sei se ouvireis d'alguem.
Buscai, perguntai sem fim
No desejado Almeirim
No farto de Santarem.

Que tenção todos tomastes
A' terra que me criou
De que tanto praguejastes ?
Por que ? Que vos acoutou
Da peste com que i chegastes.
Fostes mal agasalhados ?
Não, certo, que té as fazendas
Vos davão parvos honrados.
Pois, por que ? Porque os privados
Tinheis longe vossas rendas ?

O que eu por parcialidade
Nem outros respeitos digo :
Da antiga e nobre cidade
Som natural, som amigo,
Som porem mais da verdade.
Como vos partistes de i,
Logo abrigados achei
Em que me desencolhi.
Seguramente dormi,
Seguramente velei.

Cidade rica do santo
Corpo do seu rei primeiro
Que ainda vimos com espanto,
Ha tam pouco, todo inteiro
Dos anos que podem tanto.
Rei a quem deus se mostrou,
Rei que tantos reis venceu,
Rei que tais reis nos deixou ;
O bom filho i se lançou
Que té Sivilha correu.

Outro rei, tanto sem mal
Que lhe empeceu a bondade,
O quarto de Portugal,
Qual teve ele outra cidade
Tam constante e tam leal ?
Qual a sua fe salvou
Por tanto perigo e medo ?
Tais estremos esperou ?
Primeiro as chaves mandou
O' rei ja morto em Toledo.

Mas torno áquele abrigado
Em que me acolhi aos ventos.
I depois de em mim tornado
Que rir ! que esmorecimentos
De tempo tão mal gastado !
E os fogos que ora se acendem,
As prestezas das mudanças,
Males que longe se estendem
A's vidas curtas defendem
Tomar longas esperanças.

Gigues na grande abastança
Que de toda a parte ajunta,
Cuidando em tanta possança,
Inchado a Apolo pergunta
Pola bemaventurança.
Tal fumo Apolo entendendo,
Julgou por milhor estado
O de Aglão que, pastor sendo,
Se vai cantando e tangendo
Olhos sômente ó seu gado.

Oh ricos! que esta riqueza
Está no contentamento.
Mais tem quem mais a despreza.
Não foge o rico avarento,
Por mais que fuja, á pobreza.
Onde mais pode caber,
Sinal é de lugar vão
Que trabalhão polo encher;
Que os coraçõis hão de ser
Ricos, que os cofres não.

Por faminto que venhais,
Morto de sede e de frio,
Fogo onde quer o achais,
Dá vos da sua augua o rio,
E ás vezes de que comais.
A cobiça sem detença,
Ua mão toma, outra pede;
Nunca espereis que se vença;
Sinal de ũa mâ doença,
Quanto mais agua, mais sede!

Cobiça da boca aberta,
Isto que te assi parece
E tras que andas tanto alerta,
Luz de fora e resplandece,
Dentro não ha cousa certa.
O juizo e rezão ata,
Tudo fica escuro e em erro,
A's leis e a deus desacata,
Do tam mole ouro e da prata
Faz duras prisõis de ferro.

Entrada por nossos peitos,
Fez neles estragos tais
Que ermos jazem, desfeitos,
Abertos de mil portais,
A todo vento sujeitos.
Que não fará quem trocar
Nos fez a paz pola guerra?
Fez ums os outros matar?
Passou de vivenda ó mar
Homens naturais da terra?

Escravos mais que os escravos,
Por rezão e por justiça
Deixai vos de vossos gabos,
Que vos vendeu a cobiça
A mar bravo e a ventos bravos!
Espritos vindos do ceo,
Postos em lanços na praça,
Com que nadas vos venceu!
Por que nadas vos vendeu!
Milhor fora antes de graça!

Metais de tam baixa liga,
Que nos tam alto escondera
Natureza mai e amiga,
Antre nos e eles posera
Tanto cansaço e fadiga.
Assi maior apetito
Disserão cobiça e enveja
Em fim seu feito e seu dito!
Criado pera al o espirito
Isto sô sonha e deseja.

E porem, que são? Engano!
Que mais ũa mai fizera?
Afastava nos o dano
O's filhos que á vida dera,
Acesa do amor humano.
Mas que pode aproveitar
Se lhe fazemos tal guerra
Co contino trasfegar,
Ora revolvendo o mar,
Ora revolvendo a terra?

Nas minas altas que digo,
Buscando a terra té o centro,
Que faz o homem imigo
Do seu descanso la dentro,
Com tal trabalho e perigo?
Que cegueira e que porfia!
Haja vergonha a rezão!
Haja a alma que mais devia!
Que deixão atras o dia,
Pola noite avante vão.

Não têm cabo homens ousando
Da rezão em desemparo.
Tudo forão apalpando:
Por este ar solto e raro,
Houve quem fosse voando.
Gente que não teme nada
Com tudo se desafia;
Por mares sem fundo nada,
Passou a zona torrada,
Anda por passar a fria.

Não é pera tanto a vida!
Quanto milhor escolheu
Quem na dorna ao sol volvida
Muito mais rico morreu
Que Creso, que Crasso e Mida!
Fugindo Crates ao ouro,
(Como um covardo ao ferro
E ás cousas de mao agouro)
Lançou ao mar gram tisouro;
Quem fará agora tal erro?

Por força a cidade entrada,
Que responde ao seu imigo
Bias, que tem tudo em nada?
Tudo o meu levo comigo.
Deixa a fortuna espantada.
O's d'Esparta naturais,
Responde Apolo a seu rogo:
Se a liberdade estimais,
Velai vos d'este ouro mais
Que do ferro nem do fogo.

Do grande Epiteto o nobre
Spirito, o sô livre e franco,
N'um corpo coitado e pobre,
Escravo e ainda manco,
Quanta de riqueza encobre!
Da sua baixa casinha
Ledo sai, ledo a ela torna,
O mesmo que ía, esse vinha.
Casa que porta não tinha,
Que mais montava que a dorna?

Jesu Cristo busca obreiros,
(Deixemos contos passados)
Os seus quer de todo inteiros;
Dos coraçõis alugados,
Poucos são os verdadeiros.
Gente de vontade dura
Brada ele, *que não andais*
Em quanto esta luz vos dura?
Não vos tome a noite escura,
Antes que vos acolhais!

Não seria eu, isto vendo,
De juizo e rezão sã,
Andar me os dias perdendo?
Comecei de ante menhã,
Não sei que andava fazendo,
Ía me enjoado assi
O' tom por onde os mais andão.
Olhe cada um por si,
Que estes bens falsos de aqui
Se não são mandados, mandão.

Não se põi ao haver termo,
A esperança é saborosa.
Eu contentei me d'este ermo
Pola rezão da raposa
Que deu ó lião enfermo:
Amigo, senhor lião,
Olho ca e olho la,
Vejo pegadas no chão
Que todas pera la vão,
Nenhũa vem pera ca.

Essa Circes feiticeira
Da corte tudo trasanda;
Um faz ũa onça ligeira,
Outro faz lobo que manda,
Outro cão que a caça cheira.
Cantão ó passar sereas
Que fazem adormecer.
Correndo todas as veas
De sono e tal sabor cheas,
Não se pode homem erguer.

Som rico se isto sostenho,
Não como o estoico entende,
(Inda a tanto ser não venho)
Que inteiro de si sô pende:
Eu no que tenho assaz tenho,
Mas do com que folgo, rim
Outros, terão sua escusa.
Ja vos dei muitas por mim
E estas cousas são em fim
Como d'elas homem usa.

Sejão rezõis poderosas:
Olhai que o ferro se deu,
Pera cousas proveitosas;
Despois este meu e teu
Fez d'ele as armas danosas.
O fogo que nos foi dado
A's tantas necessidades,
Que ser não pode estimado,
Fará, e fez no passado,
Em pô ja muitas cidades.

D'este engenho que diremos
De que nos tais gabos damos,
Com que tudo cometemos?
Quantas vezes d'ele usamos
Mal, e como não devemos!
Dom do ceo nosso especial!
E veu a ser todavia
Este homem recional
Tam agudo no seu mal
Como foi na artelharia.

De tantos inconvinientes
Quem será livre, em que acorde?
Diz são Paulo: *Ponde mentes*
Se um ao outro assi morde
Que vos desfareis aos dentes.
O nome da ociosidade
Soa mal, mas se ela é sã,
Bem empregada em vontade,
Socrates da liberdade
Sempre lhe chamou irmã!

Dou vos Enio por autor:
Quem não sabe usar do ocio
Cansa e anda d'arredor,
Que vem a têr mais negocio
Que um grande negociador.
Que ó menos sabe apos que anda,
Estoutro a si não se entende,
Quanto anda, tanto desanda,
Não se obedece nem manda,
Ora se apaga, ora acende.

Ve-lo ir, ve-lo tornar,
Ve-lo cansar e gemer
E em busca de si andar,
Cobrar a cor e perder.
Que se não pode topar!
Mas eu, porque passa assi,
Que seja muito, direi:
Dias ha que me escondi,
Co que li, co que escrevi,
Inda me não enfadei.

LUIS DE CAMÕES

CANÇÃO IV

Vão as serenas agoas
Do Mondego descendo
E mansamente até o mar não param;
Por onde as minhas magoas,
Pouco a pouco crescendo,
Para nunca acabar se começaram.

Alli se me mostraram
Neste logar ameno
Em que inda agora mouro,
Testa de neve e d'ouro,
Riso brando e suave, olhar sereno,
Hum gesto delicado
Que sempre na alma me estará pintado.

Nesta florida terra
Leda, fresca, e serena,
Ledo e contente para mi vivia;
Em paz com minha guerra
Glorioso com a pena
Que de tão bellos olhos procedia.
De hum dia em outro dia
O esperar me enganava.
Tempo longo passei:
Com a vida folguei
Só porque em bem tamanho se empregava,
Mas que me presta já
Que tam fermosos olhos não os ha?

Oh! quem me alli dissera
Que de amor tão profundo
O fim pudesse ver eu algum'hora!
E quem cuidar pudera
Que houvesse ahi no mundo
Apartar-me eu de vós, minha Senhora!
Para que desde agora
Já perdida a esperança,
Visse o vão pensamento
Desfeito em hum momento
Sem me poder ficar mais que a lembrança,
Que sempre será firme
Até no derradeiro despedir-me.

Mas a mór alegria
Que de aqui levar posso
E com que defender-me triste espero,
He que nunca sentia,
No tempo que fui vosso,

Quererdes-me vós quanto vos eu quero.
Porque o tormento fero
De vosso apartamento,
Não vos dará tal pena
Como a que me condena ;
Que mais sentirei vosso sentimento
Que o que minha alma sente.
Morra eu, Senhora, e ficai vós contente.

Tu, Canção, estarás
Agora acompanhando
Por estes campos estas claras agoas,
E por mi ficarás
Com chôro suspirando ;
Porque ao mundo, dizendo tantas magoas,
Como uma larga historia
Minhas lagrimas fiquem por memoria.

SONETO

Doces e claras agoas do Mondego,
Doce repouso de minha lembrança,
Onde a comprida e perfida esperança
Longo tempo após si me trouxe cego.

De vós me aparto, si, porém não nego
Que inda a longa memoria, que me alcança,
Me não deixa de vós fazer mudança,
Mas quanto mais me alongo, mais me achego.

Bem poderá fortuna este instrumento
Da alma levar por terra nova e estranha,
Offerecida ao mar remoto, ao vento.

Mas a alma que de cá vos acompanha,
Nas asas do ligeiro pensamento
Para vós, agoas, vôa, e em vós se banha.

DOS « LUSIADAS »

DO CANTO III

XCVI

Eis despois vem Dinis, que bem parece
Do bravo Affonso estirpe nobre e dina;
Com quem a fama grande se escurece
Da liberalidade Alexandrina:
Com este o reino prospero florece
(Alcançada já a paz aurea divina),
Em constituições, leis e costumes,
Na terra já tranquilla claros lumes.

XCVII

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
O valeroso officio de Minerva;
E de Helícona as Musas fez passar-se
A pisar do Mondego a fertil herva,
Quanto pode de Athenas desejar-se
Tudo o soberbo Apollo aqui reserva;
Aqui as capellas dá tecidas de ouro,
Do baccharo e do sempre verde louro.

EPISODIO DE DONA IGNES DE CASTRO

CXX

Estavas, linda Ignes, posta em socego,
De teus annos colhendo doce fruito,
Naquelle engano da alma, ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito;
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus fermosos olhos nunca enxuito,
Aos montes ensinando e ás hervinhas
O nome, que no peito escrito tinhas.

CXXI

Do teu Principe alli te respondiam
As lembranças que na alma lhe moravam,
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus, fermosos, se apartavam;
De noite em doces sonhos que mentiam,
De dia em pensamentos que voavam;
E quanto em fim cuidava e quanto via,
Eram tudo memorias de alegria.

CXXII

De outras bellas senhoras e princesas
Os desejados talamos engeita,
Que tudo em fim, tu, puro amor, desprezas,
Quando hum gesto suave te sujeita.
Vendo estas namoradas estranhezas
O velho pai sesudo, que respeita
O murmurar do povo e a phantasia
Do filho, que casar-se não queria;

CXXIII

Tirar Ignes ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho que tem preso,
Crendo co sangue só da morte indina
Matar do firme amor o fogo acceso.
Que furor consentio, que a espada fina,
Que pôde sustentar o grande peso
Do furor mauro, fosse alevantada
Contra huma fraca dama delicada ?

CXXIV

Traziam-na os horrificos algozes
Ante o Rei, já movido á piedade;
Mas o povo com falsas e ferozes
Razões á morte crua o persuade.
Ella com tristes e piedosas vozes,
Sahidas só da magoa e saudade
Do seu Principe e filhos, que deixava,
Que mais que a propria morte a magoava;

CXXV

Para o ceo cristalino alevantando
Com lagrimas os olhos piedosos;
Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
Hum dos duros ministros rigorosos,
E despois nos meninos attentando,
Que tão queridos tinha e tão mimosos,
Cuja orphandade como mãi temia,
Para o avô cruel assi dizia:

CXXVI

« Se já nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento;
E nas aves agrestes, que sómente
Nas rapinas aerias tem o intento,
Com pequenas crianças vio a gente
Terem tão piedoso sentimento,
Como co'a mãi de Nino já mostraram
E co'os irmãos que Roma edificaram;

CXXVII

« O' tu, que tens de humano o gesto e o peito,
(Se de humano é matar huma donzella
Fraca e sem força, só por ter sujeito
O coração a quem soube vencê-la)
A estas criancinhas tem respeito,
Pois o não tens á morte escura della:
Mova-te a piedade, sua e minha,
Pois te não move a culpa, que não tinha.

CXXVIII

« E se, vencendo a maura resistencia,
A morte sabes dar com fogo e ferro,
Sabe tambem dar vida com clemencia
A quem para perdê-la não fez erro;
Mas se t'o assi merece esta innocencia,
Põe-me em perpetuo e misero desterro,
Na Scythia fria, ou lá na Lybia ardente,
Onde em lagrimas viva eternamente.

CXXIX

« Põe-me onde se use toda a feridade,
Entre leões e tigres; e verei
Se nelles achar posso a piedade,
Que entre peitos humanos não achei:
Ali co'o amor intrinseco e vontade
Naquelle por quem mouro, criarei
Estas reliquias suas, que aqui viste,
Que refrigerio sejam da mãi triste. »

CXXX

Queria perdoar-lhe o Rei benino,
Movido das palavras, que o magoam;
Mas o pertinaz povo e seu destino
(Que desta sorte o quis) lhe não perdoam.
Arrancam das espadas de aço fino
Os que por bom tal feito ali apregoam;
Contra huma dama, ó peitos carniceiros,
Feros vos amostrais e cavalleiros?

CXXXI

Qual contra a linda moça Polycena,
Consolação extrema da mãi velha,
Porque a sombra de Achilles a condena,
Co'o ferro o duro Pyrrho se aparelha;
Mas ella os olhos com que o ar serena
(Bem como paciente e mansa ovelha)
Na misera mãi postos que endoudece,
Ao duro sacrificio se offerece:

CXXXII

Tais contra Ignes os brutos matadores,
No collo de alabastro, que sostinha
As obras com que Amor matou de amores
Aquelle que despois a fez Rainha,
As espadas banhando e as brancas flores
Que ella dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçavam férvidos e irosos,
No futuro castigo não cuidosos.

CXXXIII

Bem poderas, ó Sol, da vista destes
Teus raios apartar aquelle dia,
Como da seva mesa de Thyestes
Quando os filhos por mão de Atreu comia!
Vós, ó concavos valles, que podestes
A voz extrema ouvir da boca fria,
O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes,
Por muito grande espaço repetistes!

CXXXIV

Assi como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi, candida e bella,
Sendo das mãos lascivas maltratada
Da menina, que a trouxe na capella,
O cheiro traz perdido e a cor murchada:
Tal está morta a pallida donzella,
Seccas do rosto as rosas, e perdida
A branca e viva côr, co'a doce vida.

CXXXV

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram;
E por memoria eterna, em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram:
O nome lhe poseram, que inda dura,
Dos amores de Ignes, que ali passaram.
Vede que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas são a agoa, e o nome amores.

DIOGO BERNARDEZ

SONETO

Já do Mondego as agoas apparecem
A meus olhos: não meus, antes alheios,
Que doutras differentes vindo cheios
Na sua branda vista inda mais crecem.

Parece que tambem forçadas decem
Segundo se detem em seus rodeios.
Triste! por quantos modos, quantos meios
As minhas saudades me entristecem.

Vida de tantos males salteada,
Amor a põe em termos que duvida
De poder ver o fim desta jornada.

Antes se dá de todo por perdida,
Vendo que não vai da alma acompanhada
Que se deixou ficar onde tem vida.

IGNACIO DE MORAIS

FONS AMORUM

Episodio do « Conimbricae Encomiũ »
(Versão livre de Sousa Viterbo)

A fonte, que murmura aqui tão erma,
Vem dum vizinho, tenebroso antro;
Chama-lhe o vulgo a Fonte dos Amores.
Amou outrora delirantemente
O placido Mondego, e a sua nympha
Foi do côro das nayadas do rio
Inda suspira tristemente e a furto
Seus antigos amores... Pobre fonte!
Não a deixam buscar seu terno amante,
E o Mondego, nos impetos de vêl-a,
Inunda os campos que lhe ficam proximos.
Tem inveja ao Alpheu; ao menos este
Foi no encalço da bella fugitiva
E pôde emfim colhêr sua Arethusa.
Outra nympha, porêm, procura agora
Embalál-o em delicias amorosas
E apagar o calor da chamma antiga.
Abriram-se na margem novos veios
E no mesmo crystal já fraternizam
Aguas da *fonte-nova* e do Mondego.

ANTONIO FERREIRA

DA « CASTRO »

DO ACTO III

A « AMA » A « CASTRO »

Danas esse teu rosto tam fermoso,
Filha, com tantas lagrimas: não chores:
Não offendas teus olhos: ha não vejam
Nelles sinaes tamanhos de tristeza
Aquelles, cuja gloria he ver-te alegre.
Olha as agoas do Rio como correm
Pera onde está tam saudosamente.
De lá te vê, Senhora; ellas lhe lembram
Este aposento seu, ou da su'alma.

Estes campos fermosos, que parecem
Debaixo deste ceo dourado, e bello,
Quem os verá, que logo não se alegre ?
Ouve a musica doce, com que sempre
Te vem a receber os passarinhos
Por cima destas arvores fermosas.
Cuida, Senhora, de lograres isto
Em algum tempo com dobrado gosto,
Segura da fortuna, e de seus medos,
Senhora do teu bem, e desta terra.

DO ACTO III

CORO DAS MOÇAS DE COIMBRA

Apos amor vem morte
Ou da vida, ou da honra,
E d'alma juntamente,
Que em noite escura poem,
Sem ver o claro dia
Da razão, que lhe diz
Os males, e perigos,
Em que este amor acaba.
Ó Principe tam cego !
Ó Principe tam duro !
Que cerraste os teus olhos
A'quelles bons conselhos,
Que cerraste as orelhas
A'quelles bons avisos.
Tu dormes, ou passeas,
E pelos campos vem
Do Mondego correndo
A cruel morte em busca
Da tua doce vida,
Do teu amor tam doce.
Cruel morte, que vens
Buscar esta innocente,
Ha piadade, e mágoa
Dos seus fermosos olhos,
Do seu fermoso rosto ;
Não desates hum nó
Tam firme, com que dous
Corações ajuntou
Amor tam estreitamente.

Crueza farás grande
Partir hũs olhos d'outros ;
Hũa alma assi d'outr'alma :
E derramar o sangue,
O sangue tam fermoso
Do seu fermoso corpo.
Doan-te aquelles peitos
De marfim, ou de neve.
Doan te aquellas faces
De lyrios, e de rosas,
Que já perdem sua cor
Pola falta do sangue,
Que no coração junto
Lhe tens frio, e coalhado
Com medo do teu nome.
Aquella alva garganta
De cristal, ou de prata,
Que sostem a cabeça
Tam alva, e tam dourada,
Porque cortar a queres
Com golpe tam cruel ?
E derramar nos ares
Aquelle sprito digno
Do corpo em que vivia ?
Ha piedade, e mágoa
De tanta fermosura,
Daquelle triste Iffante,
E destes seus penhores.
Detem-te, em quanto chega,
Detem-te em quanto tarda.
Corre, ó Iffante, corre :
Socorre ao teu amor.
Hay tardas ! saberás
Como o Amor sempre acaba.

ACTO V

IFFANTE

Outro ceo, outro sol me parece este
Differente daquelle, que lá deixo
Donde parti, mais claro, e mais fermoso.
Onde não resplandecem os dous claros

Olhos da minha luz, tudo he escuro.
Aquelle he só meu sol, a minha estrella,
Mais clara, mais fermosa, mais luzente
Que Venus, quando mais clara se mostra.
Daquelles olhos s'alumia a terra,
Em que sombra não ha, nem nuvem escura.
Tudo ali he tam claro, que té a noite
Me parece mais dia, que este dia.
A terra ali s'alegra, e reverdece
D'outras flores mais frescas, e melhores.
O ceo se ri, e se doura differente
Do que neste Orisonte se me mostra.
O soberbo Mondego com tal vista
Parece que ao grã mar vay fazer guerra.
D'outros ares respira ali a gente,
Que fazem immortaes os que la vivem.
O' Castro, Castro, meu amor constante!
Quem me de ti tirar, tire-me a vida.
Minh'alma lá ma tens, tenho cá a tua.
Morrendo hũa destas vidas, ambas morrem.
E avemos de morrer? póde vir tempo
Que ambos nos não vejamos? nem eu possa,
Indo buscar-te, ó Castro, achar-te lá?
Nem achar os teus olhos tam fermosos,
De que os meus tomam luz, e tomam vida?
Não posso cuidar nisto, sem os olhos
Mostrarem a saudade, que me fazem
Tam tristes pensamentos. Viviremos
Muitos annos, e muitos: viviremos
Sempre ambos nest'amor tam doce, e puro.
Raynha te verey deste meu reyno,
D'outra nova coroa coroada
Differente de quantas coroáram
Ou de homẽs, ou molheres as cabeças.
Então serão meus olhos satisfeitos:
Então se fartará da gloria sua
Est'alma, que anda morta de desejos.

MESSAGEIRO

O' triste nova, triste messageiro
Tens ante ti, senhor.

IFFANTE

Que novas traẑes?

MESSAGEIRO

Novas crueis ; cruel sou contra ti,
Pois m'atrevi trazê-las. Mas primeiro
Sossega teu sprito : e nelle finge
A mór desaventura, que te agora
Podia acontecer : que grã remedio
He ter o sprito armado á má fortuna.

IFFANTE

Tens-me suspenso. Conta : que acrecentas
O mal com a tardança.

MESSAGEIRO

He morta Dona Ines, que tanto amavas.

IFFANTE

O' Deos : ó ceos ! que contas ? que me dizes ?

MESSAGEIRO

De morte tam cruel, que he nova mágoa
Contar-ta : não me atrevo.

IFFANTE

He morta ?

MESSAGEIRO

Si.

IFFANTE

Quem ma matou ?

MESSAGEIRO

Teu pay, cõ gente armada
Foy hoje salteá-la. A innocente,
Que tam segura estava, não fugiu.
Não lhe valeo o amor com que te amava.
Não teus filhos, com quem se defendia.
Não aquella innocencia, e piedade,
Com que pedio perdão aos pés lançada
D'elRey teu pay, que teve tanta força
Que lho deu já chorando. Mas aquelles
Crueis ministros seus, e conselheiros
Contr'aquelle perdão tam merecido
Arrancando as espadas se vão a ella
Traspassando-lh'os peitos cruelmente ;

Abraçada cos filhos a matáram,
Que inda ficáram tintos do seu sangue.

IFFANTE

Que direy ? que farey ? que clamarey ?
O' fortuna ! ó crueza ! ó mal tamanho !
O' minha Dona Ines, ó alma minha,
Morta m'es tu ? morte ouve tam ousada
Que contra ti podesse ? ouço-o, e vivo ?
Eu vivo, e tu és morta ? ó morte crua !
Morte céga, mataste minha vida,
E não me vejo morto ? abra-se a terra.
Sorva-me num momente : rompa-s'alma,
Aparte-se de hum corpo tam pesado,
Que ma detem por força.
Ah minha Dona Ines, ha, ha minh'alma !
Amor meu, meu desejo, meu cuidado,
Minh'esperança só, minh'alegria,
Mataram-te ? mataram-te ? tua alma
Innocente, fermosa, humilde, e sancta
Deixou já seu lugar ? ha de teu sangue
S'enchêram as espadas ? de teu sangue ?
Que espadas tam crueis, que crueis mãos !
Ah como se movêram contra ti ?
Como tiveram forças, como fios
Aquelles duros ferros contra ti ?
Como tal consentiste, Rey cruel ?
Imigo meu, não pay, imigo meu !
Porque assi me mataste ? ó Liões bravos !
O' Tygres ! ó serpentes ! que tal sede
Tinheis deste meu sangue ! porque causa
Vos não vinheis em mim fartar vossa ira ?
Matáreis-me, e vivêra. Homẽs crueis,
Porque não me matastes ? meus imigos,
Se mal vos merecia, em mim vingareis
Esse mal todo. Aquella ovelha mansa
Innocente, fermosa, simplex, casta,
Que mal vos merecia ? mas quisestes
Como imigos crueis buscar-me a morte
Não da vida, mas d'alma. O' ceos, que vistes
Tamanha crueldade, como logo
Não cahistes ? O' montes de Coimbra,
Como não sovertestes taes ministros ?

Como não treme a terra, e s'abre toda ?
Como sustenta em si tam grã crueza ?

MESSAGEIRO

Senhor, pera chorar fica assaz tempo :
Mas lagrimas que fazem contr'a morte ?
Vay ver aquelle corpo, vay fazer-lhe
As honras que lhe deves.

IFFANTE

Tristes honras !
Outras honras, Senhora, te guardava :
Outras se te deviam O' triste, triste !
Enganado, nascido em cruel signo,
Quem m'enganou ? ah cego que não cria
Aquellas ameaças ! mas quem crêra
Que tal podia ser ?
Como poderei ver aquelles olhos
Cerrados para sempre ? como aquelles
Cabellos já não de ouro, mas de sangue ?
Aquellas mãos tam frias, e tam negras,
Que antes via tam alvas, e fermosas ?
Aquelles brancos peitos traspassados
De golpes tam crueis ? aquelle corpo,
Que tantas vezes tive nos meus braços
Vivo, e fermoso, como morto agora,
E frio o posso ver ? hay como aquelles
Penhores seus tam sós ? ó pay cruel !
Tu não me vias nelles ? meu amor,
Já me não houves ? já não te ey de vêr ?
Já te não posso achar em toda a terra ?
Chorem meu mal comigo quantos m'ouvem.
Chorem as pedras duras, pois nos homẽs
S'achou tanta crueza. E tu Coimbra
Cubre-te de tristeza para sempre.
Não se ria em ti nunca, nem s'ouça
Senão prantos, e lagrimas : em sangue
Se converta aquella agoa do Mondego.
As arvores se sequem, e as flores.
Ajudem-me pedir aos ceos justiça
Deste meu mal tamanho.
Eu te matey, Senhora, eu te matey.
Com morte te paguei o teu amor.

Mas eu me matarey mais cruelmente
Do que te a ti matáram, se não vingo
Com novas crueldades tua morte.
Par'isto me dá Deos sómente vida.
Abra eu com minhas mãos aquelles peitos,
Arranque delles hũs corações feros,
Que tal crueza ousáram : entam acabe.
Eu te perseguirey, Rey meu imigo.
Lavrará muito cedo bravo fogo
Nos teus, na tua terra, destruidos
Verão os teus amigos, outros mortos,
De cujo sangue s'encherão os campos,
De cujo sangue correrão os rios,
Em vingança daquelle : ou tu me mata,
Ou fuge da minh'ira, que já agora
Te não conhecerá por pay. Imigo
Me chamo teu, imigo teu me chama.
Não m'es pay, não sou filho, imigo sou.
Tu, Senhora, estás lá nos ceos, eu fico
Em quanto te vingar : logo lá voõ.
Tu serás cá Raynha, como foras.
Teus filhos, só por teus serão Iffantes.
Teu innocente corpo será posto
Em Estado Real : o teu amor
M'acompanhará sempre, té que deixe
O meu corpo co teu ; e lá vá est'alma
Descansar com a tua pera sempre.

V.co MOUSINHO DE QUEVEDO

DO « DISCURSO SOBRE A VIDA, & MORTE, DE SANTA ISABEL, RAINHA DE PORTUGAL »

Em Coimbra, Cidade de alto assento,
Que de Athenas roubou a gloria, e fama,
Nhũ lugar â que deu o fundamento
E que de clara se intitula, e clama,
De mil graças do Ceo nobre aposento
Onde tambem o Mundo mil derrama,
Iaz sepultado o corpo bello, e puro,
Traz proceloso mar porto seguro.

A fermosa alma ainda que lhe agrade
A casa onde viveo tão pura, e bella
Voando vae ao Ceo com saudade,
Se saudade então pode ter della.
Com musica de estranha suavidade
Pisando hũ Ceo, e outro hũa outra estrella,
Estâ gosando aquella summa gloria
Onde oje de seu Reyno tem memoria.

Sorte felis, de todos dezejada
E que â muytos por alto passa, e erra,
Raynha câ no mundo foy chamada
Nem o Ceo este nome lhe desterra.
Qual Iris de mil cores variada,
Qual tras hũ pê no mar, outro na terra
Ou qual do Simulacro a imagem bella
Que tẽ nhũa mão rosa, e noutra estrella.

Pintavão esse moço fero, e brando,
Que com ser cego nunca tiro perde,
Como do mar e terra triumphando
Na mão hũ pexe, e noutra um ramo verde.
Quem houve de mor ceptro, e largo mando
Que em duas vidas, duas glorias herde ?
Com Dinis Portugal, com Deos os Ceos
Herda Isabel, cos Ceos o mesmo Deos.

Ó Cidade fermosa sobre quantas
O Mundo exalta e Phaetonte doura,
Sobre todas soberba te levantas
Co alto penhor que dentro se athesoura,
Com tua gloria o largo mundo espantas
Nem já mais temas que esta gloria moura.
Que ficará teu nome, e fama eterna,
A mal grado do tempo que a governa.

Não recees, Coimbra, ira de sima
Nem faças conta de ira vaã da terra,
Que pois viva Isabel tanta se estima
Que seu divino corpo em ti se encerra,
Não sofrerâ q̃ a terra, e Ceo te opprima

Por mais que ambos te fação dura guerra,
Porque â da terra c'hũ aceno acode,
E na guerra do Ceo c'hũ rogo pode.

Sesostris Rey do Egypto por lembrança
De hũa filha, que a morte lhe ronbara,
E por mostras do amor que inda o descança
Quando depois de morta lho declara,
Hũ sepulcro levanta, e segurança
Por titulo lhe põem, que tudo ampara,
Crimes que ali se acolhem no perigo
Isentos são de pena, e de castigo.

Quanta mór segurança nos promete
Este Sepulcro de misterios cheyo,
Onde Deos, este bello corpo mete
Para ser de bens nossos certo meyo.
Todo o mal seu furor aqui somete,
Não foy desconsolado o que aqui veyo.
Que dentro deste marmor hâ virtude
Que as almas cura, e aos corpos dá saude.

FRANCISCO RODRIGUEZ LOBO

DA « PRIMAVERA »

(« CAMPOS DO MONDEGO »)

O que o pastor Lereno cantou, ao chegar aos campos do Mondego

Relva vestida de flores,
Salgueiros verdes copados,
Que sois pastura dos gados
E descanço dos pastores,
Agoas que tomais as cores
Da sombra desta verdura,
Se essa vossa fermosura
De contino ver quizerdes,
Sustẽtai seus ramos verdes
Sem olhar minha figura.

Doces passarinhos ledos
Que fazeis vossos recramos
Saltando dos verdes ramos
Por cima destes penedos,
Se de amor tratais segredos
De mim não nos confieis,
Que he certo no q̃ canteis
(Porq̃ ẽ tudo amor offẽda)
Ainda que não vos entẽda
Que publique o que dizeis.

Gados, q̃ assi livremente
Sem inveja, ou differença
Gozais com tanta licença
O prado verde, e contente,
Por não verdes differente
O gosto com que comeis,
Nestas flores que colheis
Se a vida quereis achar,
Guardaivos das q̃ eu tocar
Porque logo morrereis.

Livres peixes, que na vea
Os rayos do Sol tomais,
E nestes puros cristais
Estais vendo a luz alhea,
Quando sobre a loura area
Buscais doce mantimento,
Olhai, não bebais sem tento
Esta agoa que me consume,
Que vos fará por costume
Perder o contentamento.

E vós Nimphas q̃ pizais
Estas ervas, e estas flores,
Se sabeis sentir de amores
Como não me acompanhais?
Porque hum alivio negais,
Que ẽ vós não pode ser erro
A quẽ mata a fogo, e ferro,
A força da mesma dor?
Mas ah sentistes amor
E não sentistes desterro.

Qualquer amãte agravado
Por engano, ou por mudança,
Inda lhe fica esperança
Daquelle primeiro estado.
Ay de hum triste desterrado
A quẽ mais não se consente
Que conhecer claramente
Pelo que em seu mal consiste,
Que ha de viver para triste
Para não morrer contente.

Perdi a gloria q̃ tinha
Bẽ guardada, e mal segura,
Perdi por minha ventura,
Que não foi por culpa minha:
Era força, que convinha
Para seu fatal intento,
Que eu padeça meu tormento,
Adorando a sem razão,
Dando a hum falso pregão
Verdadeiro sofrimento.

Voume do meu natural
Por mal estranho a q̃ vim,
Bem descontente de mim
Naõ da causa de meu mal.
E se ante amor tambẽ val
O padecer por vontade,
Agoas que com liberdade
Buscais o fim desejado,
Testimunhai meu cuidado,
Sois claras, falai verdade.

Cantigas de quatro serranas do Mondego «que vinham para a fonte com as beatilhas dobradas sobre os cabellos, & nellas os cantarinhos pedrados».

Mancebo do prado,
Não tragais espada,
Porque onde ha tais olhos
Para q̃ são armas?

Mancebinho louro,
Anday descuberto,
Tomareis mil almas
No vosso cabello.

Tornayme os meus olhos,
Mancebo do verde,
Que andã traz de vós
E não sabeis delles.

Tornayme meus olhos,
Mancebo do roxo,
Que vão da minh'alma
Para o vosso rosto.

Não quero ser dama
Do dos olhos brancos,
Que tem mil amores
E nenhum cuidado.

Não quero ser dama
Do dos olhos negros,
Que tem mil amores
E nenhum segredo.

Vinde-vos, meus olhos,
Vinde-vos da serra,
Não vos queyme o Sol,
Que vos tem inveja.

Pois fiquey na serra,
Vinde-vos do campo,
Que quem ama muyto
Não espera tanto.

Fôra-se o meu damo
A lavrar no Monte,
Quero-me ir com elle,
Não venha de noyte.

Fôra-se o meu damo
A gradar no vale,
Quero-me ir tras elle,
Que outrẽ não lhe agrade.

Lume dos meus olhos,
Se fordes á villa
Levay-me nos vossos,
Vireis mais asinha.

Pois ides á villa
Ninguem vos contente,
Que os rostos toucados
Muytas vezes mentem.

O que o pastor Lereno cantou « em hum fermoso lugar, mais celebrado em frescura, & graças da natureza, que todos os que estão ao longo do Mondego ».

Agoas, que penduradas desta altura
Cahis sobre os penedos descuydadas,
Aonde em branca escuma levantadas
Offendidas mostrais mais fermosura ;

Se achais essa dureza tam segura,
Para que porfiais, agoas cansadas ?
Ha tantos annos já desenganadas,
E esta rocha mais aspera, e mais dura.

Voltay atraz por entre os arvoredos,
Aonde caminhareis com liberdade
Até chegar ao fim tam desejado.

Mas ay, que são de amor estes segredos,
Que vos não valerá propria vontade,
Como a mim não valeo no meu cuidado.

ADEUS DO PASTOR LERENO

A Deos agoas cristalinas,
A Deos fermosos outeyros,
Faias, choupos e salgueiros,
Lirios, flores, e boninas.

A Deos fermosa lembrança
Com que em meus males vivia,
A Deos vales de alegria,
A Deos montes de esperança.

A Deos fermoso penedo
De que com tantas verdades
Fiey minhas saudades
Que me pagastes tam cedo.

... A Deos prado, a Deos pastores,
Vassallos deste amor cego,
A Deos agoas do Mondego,
A Deos fonte dos amores.

A Deos Altea, que ausencia
Desengana teu cuidado,
Não queyras de hum desterrado
Fazer nova experiencia.

Eu vou onde perca a vida,
Logra a tua a teu sabor,
E nunca sejas de amor
Com falsidade offendida.

Pastores, que já me ouvistes,
Dêvos a sorte alegria,
Pois que a minha companhia
Não he mais que para tristes.

Agoas em que já me olhey,
Que co'os olhos inturvava,
Quando cantando chorava
Hum mal que tanto estimey :

Sempre corrais com descanço
A' sombra de arvores bellas,
E vejais claras estrellas
De noyte em vosso remanço

Ficai, a Deos arvoredos,
Fontes e arvores sombrias,
Que em tempos de tantos dias
Não vistes meus olhos ledos.

Lagrymas, que aqui ficais
Derramadas com razão,
A Deos, que outras nascerão
No lugar donde brotais.

BRAS GARCIA DE MASCARENHAS

DO « VIRIATO TRAGICO »

(Vindo o poeta a Coimbra e assistindo a umas festas no Terreiro de Sansão, foi preso na cadeia da Portagem, donde se evadiu.)

Amor, que em noviciado entretivera
Atéli minha louca ociosidade,
Tratou de siso, como se o tivera,
De me opprimir de todo a liberdade.
As musas, que até então não conhecera,
Achando em seu calor facilidade,
Cantando espalham queixas e louvores,
Que amor sem versos é jardim sem flores.

Este tyrano intrinseco me deve
Quantas desditas tenho padecidas,
Que em tantas me enredou em tempo breve,
Que o não ha, para serem referidas.
Ciumes, vento, chuva, calma, neve,
Desafios, paixões, brigas, feridas,
Razões e resistencias, que não pinto,
Tudo por elle passo, e nada sinto.

Lá donde com mais placida corrente
O sereno Muliades caminha,
Espelho dando á fabrica eminente
Do arriano Ataces e christã Rainha,
Fui a ver, mais incauto que prudente,
Huma festa que foi tragedia minha,
Que o sôpro de malsim prezo exprimento,
Que leva um sôpro o mór contentamento.

Quem per muy grave caso não foi prezo,
Não diga que passou tormento grave,
Que, com a liberdade, he todo o peso
Calamitoso, de levar suave ;
Logo um prezo he tratado com desprezo,
Inimigo não ha que o não aggrave ;
Deixado he de parentes, e de amigos,
Muytos nos bens, e poucos nos perigos.

Bem tenho á minha custa exprimentado
Verdade, que he de tantos tam sabida,
Pois quanto era a prisão mais dilatada,
Achava mais difficil a sahida;
E como he na occasião mais apertada
A desesperação muy atrevida,
Com celebrado ardil e alheo erro,
Rota a masmorra, abre caminho o ferro.

Cerrá-lo a vozes Némesis procura,
Rustica plebe a seu favor se emprega;
Mas quem deliberado se aventura,
Não teme a quem sobresaltado chega.
O perigo em que a morte se afigura
A quem a sollicita espanta e cega,
E por horror confuso e sol ardente,
Bem como á lebre os cães, me segue a gente.

A mais distancia do que o caso pede,
Uma filha do vento um prado toza,
Que, se é bruta, piedosa me concede
A madeixa da calva melindrosa.
Esta, d'aquella inextricavel rede
Me livra tão leal quanto animosa,
Pois sem fazer nos maos encontros falta,
Quanto encontra, com os beiços e os pés salta...

MANUEL DE AZEVEDO

DAS « SAUDADES DE DONA IGNEZ »

Qual a branca açucena que cortada
Sentiu do tempo ou ferro a crueldade,
Em seu mesmo candor amortalhada
Defunta flor em flor, na flor da idade;
A quem ficou somente de engraçada
Os antigos rascunhos da beldade,
Tal fica a bella Ignez amortecida,
Sem gala, luz, sem cor, graça, nem vida.

MANUEL TAVARES CAVALLEIRO

A FONTE DAS LAGRIMAS

Amor, nunca de pranto satisfeito,
Quiz que a não ser com terra rosciada,
Em liquidos fragmentos derramada
Pelos olhos, a dor opprima o peito.

Mal pode allivio tal (bem que imperfeito)
Logro da vida ser tão magoada,
Que o tormento, a que corre vinculada,
Não busca os olhos em liquor desfeito.

He pois de um puro amor gostosa a fragoa,
Se he muito mais, com dura tyrannia,
Grande a dor, a que os olhos negam agoa.

Fonte de amor, que choras de alegria,
Se exprimentáras bem saudosa magoa,
Sêcca ficáras como a pedra fria.

FR. JERONYMO VAHIA

Á FONTE DAS LAGRIMAS

Vês essa pura fonte tão acceita,
Digna de vista ser, sem ser vistosa?
Que quanto mais murmura, mais deleita,
De muda penha filha sonorosa?

Vês que o gosto enfeitiça, o prado enfeita,
E quanto branda mais, mais poderosa?
Contrarios vence, opposições sujeita,
Pois se vê fria, pois se vê chorosa

Vês tanta prata, vês aljofar tanto?
Sabe, Isabel gentil, e doce Isbella,
Do ouvido suspensão, da vista encanto,

Que se ella vive em mim, que eu vivo nella,
Ella he lagrimas toda, eu todo pranto,
Eu de amor fonte, fonte de amor ella.

ANÓNIMO

SONETO

Não são de Ignez os laivos sanguinosos
Que estas rigidas pedras marchetaram,
Quando duros ministros lhe cravaram
No branco collo os aços horrorosos.

São lagrimas vertidas dos chorosos
Olhos das Nymphas, quando lamentaram
De Ignez a morte, que em signal ficaram
Impressas nos penhascos escabrosos.

Por lembrança inda agora existe, e dura,
Este triste padrão, que a eternidade
Contra o giro dos annos assegura.

Aqui vemos de Amor a crueldade,
Que sempre faz indigno da ventura
Aquelle que he mais digno de piedade.

JOÃO XAVIER DE MATTOS

SONETO

Meu amado Mondego, meu amado
Mestre gentil, que sabio me educaste;
Do tempo que, benigno, me hospedaste,
Por onde quer que for, serei lembrado.

Cá toma conta da Pastora, e gado,
Que já com teus salgueiros abrigaste;
Assim nunca a Estação do Estio gaste
Teu crystallino curso socegado.

Da patria uma justissima vingança
De ti me leva a outros Orizontes,
Aonde pague a culpa como herança.

Por ti, por ella são meus olhos fontes;
E se vivo, he sómente na esperança
De ainda tornar a saüdar teus montes.

FILINTO ELYSIO

ODE

ao Senhor Doutor Manoel Thomaz de Azevedo e Souza.
No tempo da reforma da Universidade de Coimbra.

Erguida a nova Athenas Lusitana
Por um novo Solon, nova Minerva
Piza as viçosas márgens do Mondêgo,
Com delicadas plantas.

Os templos, que deixou enfastiada
A Verdade, atéquì mal recebida
A grandes passos vem buscar saudosa,
Desandando o caminho.

Os grilhões, que forjou a ignorancia,
Fôrão por fortes mãos despedaçados;
Hoje pendem nas nìtidas parêdes
Da Celeste Sapiencia;

E o Monstro vil, gastando-se de raiva,
Tem sôbre as costas prêsos, com cem laços,
Os pulsos rôxos, baixas as orêlhas,
Aos pés da clara Deosa.

Tinha o peito fervendo em baixa invéja
Quem urdio corromper a Mocidade
Com doutrinas fallazes, com chyméras
Sem succo, sem clareza.

Não vio abérto o bárathro em cem bôccas,
E as furias vingadoras, c'os flagéllos
De vêrdes sérpes, de trisulcas linguas
Nas duras mãos traçados?

Não vio, que azûes contagios escumava
Da peçonhenta bôcca; que esparzidos
Pelos cérebros nóvos innocentes
Lavravão com soltura?

Tu, Deos previsto, em majestoso alcáçar
De delicada fábrica ingenhosa
A Rainha Razão em vão collocas,
Máis alta que as paixões.

Se a Fraude, se o Rancor, se a van Cubiça
Escalão muros, peitão sentinéllas,
Enleião, avassallão, põem a ferros
A Captiva Rainha.

O amor da Pátria, a san Philosophia
Só tem armas, só tem forçoso antidoto,
Com que dómem táes monstros ardilosos,
Atalhem táes venenos.

A sábia Filha do sem-par Tonante,
A grãos bótes de lança inevitavel,
Pôz em fuga as maléficas Esphinges,
As Tramas, os Conluios.

Tu, Souza amigo, os encontraste á vinda,
Pela estrada arrastando os lassos membros,
Pavorosos, feridos, decepados,
Fugindo da Lizura.

Viste chorar de raiva, e dor acérba
A ignorante Sobêrba, desbulhada
Dos thronos, dos altares, que occupava
Cortejada de todos.

E como rias tu, quando avistaste
As dez Cathegorias de Aristóteles
Aos murros, umas pondo a culpa ás outras
Do súbito desastre ?

Sem fasto ia a rançosa Theologia
A pé, co'a toga çuja, mal traçada ;
Carregada de tomos grandes, grossos,
Que máis não serão lidos.

Que nuvem de papéis despedaçados
Vai sem glória voando pelos ares ?
Vão grossas conclusões de Latim crêspo,
Bolorentas postillas.

Que tropél de Thomistas, e Escotistas
Arrepéllão as barbas, e os cabêllos;
Porque estes Estatutos os privárão
De gritar sôbre nada?

Ólha o Bedél, e o rustico Meirinho
A dar co'a vara nos ronceiros Sanches,
Durandos, Busembáums, Lullos, Cayados,
Aranhas, e Barretos.

Divérte-te. meu Souza pachorrento,
Em vêr esse entremez, a cuja scena
Os Góthicos de raiva se amargurão,
Os modernos se riem;

Em quanto eu cá tambem rîo o que posso,
E cômo o bom Salmão, que me mandaste,
Em lugar das Lamprêas promettidas
Ha máis de tres Quaresmas.

BOCAGE

Á MORTE DE IGNEZ DE CASTRO

CANTATA

Longe do caro esposo Ignez formosa,
Na margem do Mondego,
As amorosas faces aljofrava
De mavioso pranto.
Os melindrosos, candidos penhores
No thalamo furtivo,
Os filhinhos gentis, imagem d'ella,
No regaço da mãi serenos gozão
O somno da innocencia.
Côro subtil de aligeros favonios,
Que os ares embrandece,
Ora enlevado afaga
Com as plumas azues o par mimoso,
Ora, solto, inquieto,
Em leda travessura, em doce brinco
Pela amante saudosa,
Pelos tenros meninos se reparte,
E com tenue murmurio vai prender-se

Das aureas tranças nos anneis brilhantes.
Primavera louçã, quadra macia
Da ternura e das flores,
Que á bella natureza o seio esmaltas,
Que no prazer de amor ao mundo apuras
O prazer da existencia,
Tu de Ignez lacrimosa
As mágoas não distrahes com teus encantos!
Debalde o rouxinol, cantor de amores,
Nos versos naturaes os sons varia;
O limpido Mondego em vão serpêa
Co'um benigno susurro, entre boninas
De lustroso matiz, almo perfume;
Em vão se doira o sol de luz mais viva
Os céos de mais pureza em vão se adornão
Por divertir-te, ó Castro;
Objectos de alegria amor enjôão
Se amor é desgraçado.
A meiga voz dos zephyros, do rio,
Não te convida o somno:
Só de já fatigada
Na luta de amargosos pensamentos,
Cerras, misera, os olhos;
Mas não ha para ti, para os amantes,
Somno placido e mudo;
Não dorme a fantasia, amor não dorme;
Ou gratas illusões, ou negros sonhos,
Assomando na idêa, espertão, rompem
O silencio da morte.
Ah! que fausta visão de Ignez se apossa!
Que scena, que espectaculo assombroso
A paixão lhe afigura aos olhos d'alma!
Em marmoreo salão de altas columnas
A solio magestoso e rutilante
Junto ao regio amador se crê subida;
Graça de neve a purpura lhe envolve,
Pende augusto docel do tecto de ouro;
Rico diadema de radioso esmalte
Lhe cobre as tranças, mais formosas que elle;
Nos luzentes degráos do throno excelso
Pomposos cortezãos o orgulho acurvão;
A lisonja sagaz lhe adoça os labios,
O monstro da politica se aterra,

E se Ignez perseguia, Ignez adora.
Ella escuta os extremos,
Os vivas populares, vê o amante
Nos olhos estudar-lhe as leis que dicta;
O prazer a transporta, amor a encanta;
Premios, dadivas mil ao justo, ao sabio
Magnanimo confere,
Rainha esquece o que soffreu vassalla;
De sublimes acções orna a grandeza,
Felicita os mortaes, do sceptro é digna,
Impera em corações... Mas céos! Que estrondo
O sonho encantador lhe desvanece!
Ignez sobresaltada
Desperta, e de repente aos olhos turvos
Da vistosa illusão lhe foge o quadro,
Ministros do furor, tres vis algozes,
De buidos punhaes a dextra armada,
Contra a bella infeliz bramindo avanção.
Ella grita, ella treme, ella descora,
Os fructos da ternura ao seio aperta,
Invocando a piedade, os céos, o amante:
Mas de marmore aos ais, de bronze ao pranto,
Á suave attracção da formosura,
Vós, brutos assassinos,
No peito lhe enterrais os impios ferros.
Cahe nas sombras da morte
A victima de amor, lavada em sangue,
As rosas, os jasmins da face amena
Para sempre desbotão,
Nos olhos se lhe some o doce lume,
E no fatal momento
Balbucia, arquejando: « Esposo, esposo! »
Os tristes inocentes
Á triste mãe se abração,
E soltão de agonia inutil choro.
Ao suspiro exhalado,
Final suspiro da formosa extincta,
Os amores acodem.
Mostra a prole de Ignez, e a tua, ó Venus,
Igual consternação, e igual belleza:
Uns dos outros os candidos meninos
Só nas azas differem,
(Que fazem pelo campo em mil pedaços

Carcazes de marfim, virotes de ouro)
Subito vôão dous do côro alado:
Este, raivoso, a demandar vingança
No tribunal de Jove;
Aquelle a conduzir o infausto annuncio
Ao descuidado amante.
Nas cem tubas da fama o grão desastre
Irá pelo universo:
Hão de chorar-te, Ignez, na Hircania os tigres;
No torrado sertão da Lybia féra
As serpes, os leões hão-de chorar-te.
Do Mondego, que attonito recua,
Do sentido Mondego as alvas filhas
Em tropel doloroso
Das urnas de crystal eis vêm surgindo,
Eis, attentas no horror do caso infando,
Terriveis maldições dos lábios vibrão
Aos monstros infernaes, que vão fugindo.
Ja c'rôão de cypreste a malfadada,
E, arrepelando as nitidas madeixas,
Lhe urdem saudosas, lugubres endeixas.
Tu, echo, as decoraste,
E, cortadas dos ais, assim resôão
Nos concavos penedos, que magôão:

Toldão-se os ares,
Murchão-se as flores:
Morrei, amores,
Que Ignez morreu.

Misero esposo,
Desata o pranto,
Que o teu encanto
Já não é teu.

Sua alma pura
Nos céos se encerra:
Triste da terra
Porque a perdeu!

Contra a cruenta
Raiva ferina,
Face divina
Não lhe valeu.

Tem roto o seio,
Thesouro occulto;
Barbaro insulto
Se lhe atreveu.

De dor e espanto
No carro de ouro
O Numen louro
Desfalleceu.

Aves sinistras
Aqui piarão,
Lobos uivarão,
O chão tremeu.

Toldão-se os ares,
Murchão-se as flores:
Morrei, amores,
Que Ignez morreu.

NICOLAU TOLENTINO DE ALMEIDA

DO « MEMORIAL A SUA ALTEZA »

Emquanto a minha alma emprégo
Nestas cansadas doutrinas,
Á doirada idade chego
De ir ver as vastas campinas
Que banha o claro Mondego.

Já em rapidas carreiras
Calcava a real estrada,
Sem chapeo, sem estribeiras,
Já a catana emprestada
Cortava o vento e as piteiras.

Curta, embrulhada quantia,
Que ao despedir me foi dada,
Espirou no mesmo dia;
E fui fazendo a jornada
Quazi com Carta de Guia.

Mas já vejo a branca fronte
Da alta Coimbra, fundada
Nos hombros de erguido monte;
Já sobre a arêa doirada
Vejo ao longe a antiga Ponte.

Povo revoltozo e ingrato
Dentro em seus muros se encerra,
Em vão de adoçallo trato;
He hum titulo de guerra
A chegada de hum Novato.

Pão amassado com fel,
E envolto em pranto, comia;
Levei vida tão cruel,
Que peior a não teria
Se fosse estudar a Argel.

Soffri contínua tortura,
Soffri injúrias, e assintes,
Lancei tudo em escritura;
E nos Novatos seguintes
Fiquei pago, e com uzura.

Da bolsa os bofes lhe arranco
No fresco pateo de Cellas,
Pedindo com genio franco
Doces, gratuitas tigellas
Do famozo manjar branco...

L. P. DE O. PINTO DA FRANÇA

SONETO

improvizado junto ao tumulo del rei D. Afonso Henriques, pelo brigadeiro das tropas de Coimbra, no dia em que Junot dissolveu o corpo do Exército Português.

A teus pés, fundador da Monarchia,
Vai ser a lusa gente desarmada!
Hoje rende a traição a forte espada
Que jamais se rendeu á valentia.

Oh ! Rei ! Se minha dor, minha agonia,
Penetrar póde sepulcral morada,
Arromba a campa, e com a mão mirrada
Surge a vingar a affronta d'este dia.

Eu, fiel qual te foi Moniz, teu pagem,
Fiel sempre serei: grata esperança
Me sopra o fogo d'immortal coragem.

E o pranto, que a teus pés minha dor lança,
Recebe-o, grande Rei, por vassalagem,
Acceita-o em protesto de vingança.

ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS

Á MORTE DE D. IGNEZ DE CASTRO

Aqui da linda Ignez a formosura
Acabou: crueis mãos morte lhe derão:
Inda sinais do sangue, que vertêrão,
Estão gravados nessa penha dura.

Vendo as Nynfas tamanha desventura
Sobre o pallido corpo aqui gemêrão,
De cujas tristes lagrimas nascêrão
As surdas aguas dessa fonte pura.

Pastoras do Mondego, que a corrente
Inda agora bebeis desta saudosa
Fonte, que está correndo mansamente,

Fugi, fugi do Amor, que a rigorosa
Morte lhe trouxe aqui: era inocente;
Se teve culpa foi em ser formosa.

ALMEIDA-GARRETT

MADRUGADA

NO JARDIM BOTANICO DE COIMBRA

N'este sagrado a Flora, almo recinto,
Throno e delicias d'ella,
Aqui onde o perfume saudavel
Respiro de mil flores,

Como sinto imbeber-se-me a existencia
Em cada trago d'estes
Que os sequiosos pulmões, téqui só fartos
De ar pestilente e mau,
D'este suave e puro avidos sorvem,
E com elle o remedio
Ao trabalhado, infraquecido peito,
Ao mui pausado sangue!
Quanto é doce á fagueira, amena sombra
Dos variados arbustos,
Co'a fresquidão das plantas rociadas
Das lagrimas da aurora,
Nos prazeres cevar da Soledade
O descançado espirito!
Como então pela mente se revolvem
Já passadas ideas,
E véem umas trás outras, acudindo
Á lembrada memória!
Como depois no espaço desmedido
Se espraiam do futuro!
A cada objecto... Aqui ésta palmeira:
Da eternidade o symbolo
Lhe chamou a sabida antiguidade.
Vêde-a; a cabeça airosa
Sôbr'ergue altiva ao circumstante povo
Das variegadas plantas.
Qual jazem nas soidões do Egypto ou Grecia
Desparzidas, confusas
Aqui, ali ruinas venerandas,
Já sem nome esquecidas;
Passa o viajante e indifferente as olha:
Mas se entre ellas alçar-se
Corynthio marmor ve, columna doria,
Que empé sem medo ao tempo
Parece desafiar a eternidade
E desdenhar dos seculos,
Então pára, respeita a mão dos homens,
Folga de ser um d'elles.
Tal entre o immenso vegetal cortejo
Que me rodeia agora,
Involuntaria a vista só contempla
A nobre, alta rainha
Do vecejante imperio. Alma se expande,

Se ingrandece como ella,
Sinto crescer-me, avigorar-se o espirito;
E o coração no peito
Pulsa com mais vigor, bate mais forte.
Homem! a natureza
Quam grande te creou! quanto podéras
Se não fugisses d'ella!
Quanto es grande se á voz caroavel sua
Prestas ouvidos sempre!
Aqui juncto á frieza d'esta serra
A palmeira do oriente!
Como poderam dar-lhe vida e patria
Em tam distante clima?
Longe, longe talvez dos seus amores
A triste se amesquinha;
Talvez, surdos queixumes espalhando
Aos solitarios ventos,
Lamente o fertil po n'elles perdido,
Que levaria a vida,
O germen da existencia a novos filhos.
Homem, sê mais piedoso,
Concede um companheiro aos seus amores.
Quam terno, quam sensivel
Foste, Linneu divino! tu que ás filhas
Da amena Primavera,
A flor lhes déste que a existencia doira,
O favo dos prazeres.
Córa ao desabrochar, tinge-se a rosa
De virginal pudor
Já presentindo os osculos lascivos
Do voluptuoso amante;
Surri no caliz a assucena, o lirio
Ao sentir o bafejo
Da aura lasciva que lhe traz nas azas
O pinhor suspirado
De seus ternos, castissimos amores.
Fugi, fugi, ruidosos,
Crus ministros de horrendas tempestades:
Lá na deserta Lybia,
Queimadores Suões, bramantes Euros,
Lá na torrada Arabia
Rolae sem medo os movediços pegos
Da infructuosa areia:

Gyre em nossos vergeis suave e puro
Zephyro amigo e doce,
Que ao consorcio gentil das lindas flores
Ajude prazenteiro.
Não tenham que chorar a patria amada
As hóspedas fragrantes
Que d'Asia os montes, de Colombo os plainos
Deixaram saudosas
Por vir imbalsamar c'o activo aroma
Nossos jardins e ornál-os,
E a dar-nos vida, restaurar saudes,
C'o próvido especifico.
Linneu! e a patria, o mundo agradecido
De rôjo aos pés não viste?
E aqui teu busto, o de Brotero e Serra
Não vejo collocados!
Ah gente indigna, ah povo desalmado!
Patria... Não, patria é d'elles
A Europa e o mundo que os conhece e admira.
Ide c'o sacro louro,
Que ao merito, á sciencia, que á virtude
Com mão roubastes impia,
Coroar os simulacros odiosos
Ao despotismo, á inercia,
A cruel ambição, á hypocrisia,
A sordida ignorancia.
Ide; queimae-lhe o incenso da vileza:
Ide... sois dignos d'elles.

Coimbra — Março, 1821.

DO « CAMÕES »

Brandas nymphas do placido Mondego,
Vós que o doce gemer, que os namorados
Ais do prazer ouvistes pela selva
Que incubriu tanto amor, tanta ventura
Em tempos de mais dita; que escutastes
Os magoados suspiros da saudade,
Quando ausente d'aquelle por quem vive,
Só, gemedora rôlla, vai carpindo
A ausencia do seu bem, do seu amado,
E aos montes, ás hervinhas insinando
O nome que no peito escripto tinha;

Que depois, memorando a morte escura,
Longo tempo das urnas crystallinas
Só lagrymas formosas derramastes,
E, por memoria, em fonte convertidas,
O nome lhe puzestes, que inda dura,
Dos amores de Ignez que alli passaram;
Vós ao vate os segredos recontastes,
Os mysterios d'amor, e o pranto, as queixas
Da malfadada Castro. — A lyra anceia-lhe,
A voz carpe-se, os tons gemem tam meigos,
Mas tam cortados de uma dor tam viva,
Que é um partir-se o coração de ouvil-os.

Ausente é o 'spôso: solitaria vaga
Pela varzea de flores recamada,
No pensamento alheado revolvendo
Ledos enganos d'alma, suavissimas
Lembranças do passado, e a mais suave,
Lisongeira esperança do futuro,
Oh! quando ella outra vez n'aquelles braços
O tornar a apertar, quando... Armas soam
De cavalleiros, e corseis nitrindo
Nos atrios do palacio... escuta... É elle,
O seu Pedro, oh ventura! — « Espôso, espôso! »
Mas pelo ausente espôso o pae responde.
O amante não vem: juiz severo,
Pelos beijos d'amor, lhe traz castigo
Que não merece amor, nem quando é crime.

C'os filhinhos, em vão banhada em pranto,
Supplice implora os barbaros. O ferro
Imbebem crus no peito crystallino;
E as vivas rosas, que das faces fogem,
Pela ferida a borbotões se esvaem
C'os inocentes filhos abraçada,
Não geme, não suspira; a beijos colhe,
Uma a uma, as feições que tanto ao vivo
As do querido amante lhe retrattam.
Já pelos labios derradeira foge
A última vida, o último sôpro em osculos
Todos amor, todos ternura. Os olhos
Já da formosa luz se extinguem... Trémula,

Inda co'a incerta mão procura os filhos,
Inda affagando imagens do seu Pedro,
Entre os amplexos maternaes. — « Espôso,
Espôso... Espôso ! » balbuciando, expira.

A. F. DE CASTILHO

DE « A FESTA DE MAIO »

Pelas trez horas da tarde do primeiro dia de Maio de 1822 já nos, a Sociedade dos poetas Amigos da Primavera, *nos achavamos á sombra das arvores, pelo Encanamento do Mondego, esperando anciosamente o batel, que nos havia de tornar á Lapa dos Esteios, para celebrarmos a Festa de Maio...*

CASTILHO.

Eia, amigos, ao campo ! ha já trez horas,
Que os Tindáreos Irmãos no aéreo espaço
Vírão do meiodia o rôsto ardente :
Eia, amigos, ao campo ! as horas vôão,
E o Maio alegre ás festas nos convida :
Os Zéfiros ligeiros, embalando
Do parreiral a trémula folhagem,
Ao rio, ao barco estão chamando a turba.
¿ O Deus Menino, o gracioso Maio
Não vamos celebrar na fresca Lapa ?
Pois que se tarda ? os Numes não consentem
No culto seu ministros preguiçosos.
Chamai á pressa as pastoris Camenas,
Tomai as flautas, coroai as frontes
Co'as grinaldas, que em premio vos cingírão
Da Primavera na primeira tarde
Como ! o tempo . (ai da flor da mocidade !)
O tempo as destruio ! de graças tantas
Que existe pois ? um pó Jazem desfeitas,
Sem perfume, sem côr as lindas flores,
E as verdes folhas se enrolárão murchas !
Ah ! corramos ; o pezo, que as esmaga,
Róla tambem sôbre a existencia nossa :
Nossas grinaldas nos festins vivêrão,
Morrêrão no prazer ; e nós, como ellas,
Devemos esperar, brincando, a morte.

.....

Ouvi, Ninfas do placido Mondego,
Ouvi com ledo rôsto as preces nossas.

Saí correndo das limosas grutas:
Occultas no cristal do patrio rio,
Vós podeis impellir co'as mãos de neve,
E fazer que o batel, qual aguia, vôe.
Bellas Filhas do lúcido Mondego,
Vamos passar a tarde á grata sombra,
Das lindas Graças na famosa Lapa.
Ali, se acaso não me illude o estro,
Vós, Ninfas, vós com ellas muitas vezes
As noites do luar passais em danças:
Sôbre um tronco musgoso Amor sentado,
Para acertar as rápidas choréas
Com saudosa flauta a Noite acorda,
E Venus compassiva lhe desata
Dos olhos entretanto a escura venda.
Mil Amorinhos sem farpões, sem facho,
(Nem onde vós estais carecem d'elles)
Vôão aqui e ali por entre os ramos.

Ouvi, Ninfas do placido Mondego,
Ouvi com ledo rôsto as preces nossas.

Dai-nos breve chegar, sereis cantadas;
E iremos outro dia erguer altares
De cada vosso chôpo á sombra amiga,
Pondo-lhe em roda uma vistosa grade
D'aureas canas com murtas revestidas;
Em vossas ondas lançaremos rosas,
E puro leite, e saboroso vinho.
Porque tardais, ó Náiades esquivas?
Turba innocente de mancebos rindo
Bem merece o favor dos sacros Numes.
Nós não vamos em lenhos alterosos,
Roçando as nuvens com soberbas velas,
C'o ferro a lampejar nas bravas dextras,
Levar da guerra a furia aos outros povos,
Lançar em fogo os bosques, e as cidades,
Para voltar dos mares tormentosos
Co'um pouco do metal, que gera os crimes:
Nós vamos procurar vizinha praia

Para rir, e beber de Maio em honra ;
Vamos c'roar-nos de verdura, e lirios,
Cantar ao som da flauta a Natureza,
Dançar no meio de innocentes gostos,
E longe dos mortaes, viver ditosos,
Poucas horas sequer, na paz dos campos.

Ouvi, Ninfas do placido Mondego,
Ouvi com ledo rôsto as preces nossas.

Terra, terra : éstas árvores das margens,
Que ora nos vão passando sobre as frontes,
Convidão a colher sua folhagem :
Saltai, colhei os mais viçosos ramos,
Teça-se um tôldo, que nos roube á calma.

A'vante ! adeos, ó Driades, ficai-vos
Em doce paz ; o orvalho vos fecunde ;
Ache vossa raiz no estio as aguas
Tão abundantes, como as tendes hoje.
Nós vamos celebrar o mez das flores,
Quando voltarmos vos daremos graças.
.....

Novo me inspira agora esse murmúrio,
Com que a Fonte das lagrimas se lança
Da serpeada varzea ao rio aberto.

Junto á fresca matriz d'este ribeiro,
Onde gozou em seculo remoto
O mais ditoso par de amor os mimos,
Meu estro agora placido voltêa
Por entre os cedros, e os feraes ciprestes ;
E ora ao iago pacífico se arroja,
Ora da fonte nos penedos pouza.
Comvosco não existe o vosso amigo ;
Gira fóra d'aqui no sitio umbroso,
Lá conversa co'a Musa, aprende, e canta
Gratas histórias dos passados tempos.

Uma noite de Maio Inez formosa,
Ao pallido clarão da argentea lua,
Com seu Pedro fiel aqui vagava.

De seu candido amor primeiro fruto,
Lindo, qual dos Amores o mais lindo,
Um tenro filho, que a falar começa,
Co'a pequenina mão á mãi seguro,
A passos desiguaes a acompanhava.
No dextro braço do gentil consorte
O alvo braço despido entrelaçando,
Languidamente a bella se apoiava.
Traja da côr da neve, ornão-lhe as tranças
Rúbidas rosas que reveste o musgo:
Sob um véo raro e sôlto arfão dois peitos,
Que estrema, que matiza, e que perfuma
A flor, que he d'entre mil só digna d'elles,
O amor perfeito em fresco ramalhete.
Pelo silencio, e paz da noite amiga,
Nos extasis de amor arrebatados,
Ebrios ambos do nectar da ternura,
Vagueando em seu ermo, respiravão
Todo quanto prazer nas almas cabe
— « Inez, dizia Pedro, olha estes cedros,
« Que doce murmurando agita o vento!
« Olha as aguas do tanque, onde tão clara
« Se está dos Ceos a Lua retratando!
« Ouve o rumor das ondas transparentes,
« Que vem brotando da cavada penha!
« Cara Inez... ah! calemo-nos; escuta
« O amante rouxinol como gorgeia!
« Não o sentes mui proximo! quem sabe!
« Talvez que em teu jardim celébre agora
« Ao lado de uma esposa os seus prazeres;
« Se assim he, refinai perfume, ó flores,
« E vós levai-lho, zefiros da noite,
« No instante em que Himeneo tem de ajuntal-os.
« O' minha Inez, não ser inda possivel
« Confiarmos á luz nossa ventura,
« E eu dizer, sou de Inez!... » — N'isto o mancebo,
Apertando a seu peito o braço d'ella,
De beijos lhe inundava a mão mimosa.
Em silencio e cuidosa a linda Castro
Parava contemplando os ceos, o esposo,
E unindo a regia dextra ao seio oppresso,
Dava a resposta n'um fiel suspiro.
— « Oh! (dizia depois) que Deos contrário

« Ao terno amor, á candida innocencia,
« Poz peito, ó doce encanto, a separar-nos?
« Quão melhor fôra haver nascido em choças!
« Lá, tendo por imperio um só rebanho,
« Lãs por purpura, e flores por diadema,
« Pedro fôra pastor e Inez pastora.
« Teu solio quantas lagrimas nos custa!
« Mas se fosse teu solio um manso outeiro,
« Docel um parreiral firme em colunas
« Das que dão fruto e flor, saude, e agrados,
« Não cortíra em meus sonhos o remorso,
« Teu coração ninguem mo disputára,
« Não se encobrira o meu amor... » — « Oh cessa,
« Cessa (Pedro lhe diz interrompendo-a):
« De que servem, querida, essas lembranças?
« Se te adoro, que temes? se me adoras,
« Que posso eu mais querer? Virtudes tantas,
« Raros dons quaes os ceus em ti resumem,
« Não são para jazer na escuridade;
« Dos reis, de teus avós te poem na estrada,
« Para luzires nos corrutos dias,
« Como astro de bondade entre os humanos.
« Gozemos do prazer. Olha esta noite
« Como he formosa, minha Inez; não tornes,
« Eu to peço por mim, por ti, por esse
« Fruto do nosso amor que te he tão caro,
« Não tornes a acordar taes pensamentos.
« Queres tu, minha amada, á curta noite
« Dar emprego melhor, mais proprio d'ella?
« O assento ao pé da fonte nos convida,
« Vem-me outra vez cantar os magos versos,
« Onde quasi exprimiste o enlevo d'ambos,
« Quando a primeira vez nos vimos juntos
« Tambem de noite, e n'este sitio mesmo. »

Disse, e Inez imprimindo-lhe nos labios
Co'a meiga curta boca um longo beijo,
— « Vamos, responde, apraz me esse meu canto,
« E agradar-te, inda mais; partamos logo. » —
Diz, e já leva ao collo o seu filhinho.
Forceja o pai furtar-lhe o doce pezo,
Ella a ninguem o cede: — « O meu menino
« He meu, lhe diz; quando eu tiver meninas,

« Dar-tas-hei, desde ja chama-lhe tuas ;
« Pertence o filho á mãi, e ao pai a filha. » —
Sorrindo com ternura o ledo Amante,
— « Ser-me-ha dado, lhe diz, que de teu filho
« Ao menos colha uns beijos que me deve,
« Ou hei de só com os teus ficar contente » ? —
— « Se tos deve meu filho, eu vou pagar-tos »
Inez responde, e lhe pagou mil beijos.

Chegados são aos bancos do rochedo.
— « Ja do sol o calor morreo na pedra ;
« Para assento, he mister ser estufada.
« Não rias, o brocado hão de ser ramos ;
« Para a pastora Inez, nenhum mais proprio » —
Voa ao proximo cedro, os ramos corta,
Alastra-os sobre o marmore e reclina
O infantinho, que pósta a loira fronte
No maternal joelho, eis adormece.

Absorto no painel delicioso,
Não podendo parar nem desviar-se,
Como homem, que formosa feiticeira
Prende e agita n'um círculo encantado,
Vaga o Principe á luz voluptuosa
De lua por entre arvores. Desponta
No ermo silencio o canto namorado !
O suave da voz, o doce estilo,
A musica tocante, a frase meiga
Alhêão-no de si, todo elle he fogo :
Não conhece onde está, quem he não sabe :
No cahos do prazer, em que se abisma,
Só vê brilhar Inez, Inez só ouve ;
E qual se nunca em braços a apertára,
E virgem melindrosa o ceo benigno
Lha houvéra ali chovido aquella noite,
Arde e delira em sofregos dezejos.
Já não sabe conter-se, o fim do canto
Já não póde esperar ; « O' minha, exclama,
« O' minha... » e sem findar, pois não encontra
Nome que exprima o que lhe ferve na alma,
Voa a abraça-la sem poder fallar-lhe ;
A voz com loucos beijos lhe interrompe,
Quer dos labios sorver-lhe os sons divinos :

Mas ella rindo, e a boca desviando,
Que a deixe terminar lhe pede a custo.
« Sim, acaba (responde), Inez, acaba. — »
E emtanto hia beijando o collo, o seio.
Depois, como ante Nume, ajoelhando,
Suspenso a contemplava espaço longo;
E depois no regaço o rôsto acceso
Lhe punha, como em ninho de delicias,
E no certo esperar crescia o fogo.
So vós caladas arvores no entanto
A canção namorada ouvindo estaveis
Da mui ditosa Inez! Como expirava
A derradeira nota, estremecendo
Acorda o moço, alvoraçado surge,
E tomando á cantora a mão submissa,
— « Vamos, lhe diz, a lua vai descendo,
« O tácito poente a chama ao sono:
« Oh quão leve entre nós foge esta noite!
« As auras pela relva estão dormindo,
« Pendem com sono as arvores seus cumes,
« Do largo tanque as aguas nem se encrespão.
« O rouxinol que ha pouco gorgeava
« Ja tambem se calou: sabes a causa? » —
— « Talvez lhe empeça a voz, responde a bella,
« Teimoso furto de continuos beijos. » —
— « Não, não, responde o amante, agora occulto
« o'a docil companheira em quente abrigo,
« Aperta o rouxinol de amor os laços.
« E nós Inez? ah toma o teu menino,
« Talvez não tarde a aurora, ao leito vamos,
« E do fresco da noite ali zombemos.

Emfim chegámos! c'o ligeiro impulso
Bate a proa no cáes, o lenho treme,
Tremem com elle de seu tôldo as folhas.
Salve ameno lugar, que' as Graças pizão!
Glória ao sacro arvoredo, que diffunde
Sôbre a calma do vate a sombra fria!
Glória ás auras, que prêzas n'este sítio,
Das Dríades por mão aos troncos d'ellas,
Agitão com susurro a massa enorme
Da folhagem suspensa! honra aos que brincão
Puros raios do sol sôbre o terreno,

Mal que um favonio lhes descobre a entrada !
Eterno amor ás aves, que em seus ramos
A vinda nossa a gorgear celebrão !
Paz ao dezerto, onde comnosco as Musas,
Esquecidas de Pimpla, se contentão
De encher de alegres canticos os ares !

A' festa, á festa ! Reuni-vos todos,
Vinde colhêr as fugitivas horas:
Como vaga que passa, ou flôr que murcha,
Para mais não voltar, se escoa o tempo.
A' festa, amigos ! Oh ! n'esta eminencia
Eis já pronto um altar ! ei-lo cingido
Com largas fitas de pintadas flores !
Ante elle o rosmaninho, a murta, as rosas
Té não curta distancia o chão tapizão ;
Heras, e lirios candidos o toldão :
De heras e lirios adornai as frontes,
Ajoelhai : lá sobe a Divindade.
Silencio ! paz ! . . Retumbe pelos echos,
Sem mistura de voz, o som das flautas.
. . . . . .

Graças ao teu poder, e ao teu influxo,
És tu que a rir convidas gracioso
Minerva um pouco a abandonar seus livros (*).
Quem póde resistir-te ? emfim te cede,
Toma-te pela mão, para que a leves
A divagar em teus vistosos campos ;
O ar de meditação troca em agrados,
E vê contente abandonar-lhe a côrte
De seus alunos juvenil caterva,
Que alvoraçada aos patrios lares vôa.
Sim, Maio, eu voarei aos patrios lares !
Mas cuidas que jamais distancia ou tempo
D'este dia a memoria hão de apagar-me ?
Não : onde quer que os fados me conduzão
Sempre te hei de cantar, sempre c'roado
De teus altares me verás ministro :

(*) Em Maio se poem o ponto aos Estudos da Universidade, que em n'aquelles tempos cursava. Só os que por ahi tem passado, podem entender o alvoroço com que he recebido.

Mas d'esta sociedade, e d'estes brincos,
Em quanto a noite se adornar de estrellas,
Nunca á lembrança volverei sem mágoa.

.....

Desçamos ao batel: adeos ó Lapa,
Adeos, fica-te em paz; e cedo espera
Ver de novo juntar-se á sombra tua
Da Natureza os candidos Amigos.
Deixai as varas, gracejemos antes,
Não cumpre trabalhar, para fugirmos
De um bosque sacro a Maio, e sacro ás Musas.

POETAS DO «TROVADOR»

NA LAPA DOS ESTEIOS

JOÃO DE LEMOS..... Sobre as azas da poesia
A. M. COUTO..... Aqui nos trouxe a amizade,
J. FREIRE DE SERPA..... Cantamos nas lyras d'oiro
L. DA COSTA PEREIRA... Esp'ranças da mocidade,
A. X. R. CORDEIRO..... E aos bardos da *Primavera*
AUGUSTO LIMA..... Mandamos uma saudade.

24 de junho de 1844

JOÃO DE LEMOS

COIMBRA

(Recitado pelo poeta no Teatro Academico)

COIMBRA!... Terra de encanto,
Do Mondego alegre flor,
Venho pagar-te em meu canto
Tributo d'antigo amor;
Não m'o engeites porque é pobre,
Porque tens o canto nobre
Do cantor da linda Ignez;
Não m'o engeites desdenhosa,
Nao, que esta alma saudosa
Se inflamma ao ver-te outra vez.

Sou quasi teu filho; amei-te
Da vida no alvorecer;
De Minerva o sacro leite
Por tuas mãos vim beber;
Foi nestas margens virentes
Que co'as azas incipientes
Meu estro voar tentou,
Foi aqui que me sorria
O mundo, a vida, a poesia;
Sou quasi teu filho, sou.

Andei lá por longes terras,
Tantas cidades que vi,
Outros climas, outras serras,
E ás vezes scismava em ti!
De Londres vi a grandeza,
Vi o encanto de Veneza,
De Paris a seducção;
Vi de Roma os monumentos,
E mesmo n'esses momentos
Foi fiel meu coração.

O Rheno com seus castellos,
Vienna, Milão, Berlim,
Da Suissa os cantões bellos
Não me fallavam a mim;
Não fallavam como fallas,
Coimbra, nas tuas galas
Que eu sei, que aprendi de cór,
Não diziam o que dizes
N'esse estendal de matizes,
Que tens de ti em redor.

Se não contas tantas glorias
Quantas por lá querem ter,
És um livro de memorias
Que um portuguez sabe ler;
Eu, por mim, n'essa tua fronte,
N'essas collinas defronte,
No teu rio de crystal,
Na tua *Fonte dos amores*,
No ar, na terra, nas flores,
Leio em tudo — Portugal!

Aos que pedirem façanhas
D'audaz, guerreiro valor,
Tu as podes dar tamanhas
Que os façam mudar de côr;
Se quizerem da cidade
Provas de antiga lealdade
Apontas-lhe o teu Martim;
Tens sobeja, altiva gloria,
Mas não é, não é tua historia
O que só me falla a mim.

Tudo aqui me falla, tudo,
D'esse tempo que lá vae,
Quando nas lides do estudo
Tive em cada mestre um pae;
Falla-me o sino da torre,
Com um som que nunca morre
Nos echos que a vida tem;
Fallam-me os dias d'outr'ora
C'um folguedo em cada hora,
Com horas que mais não vem.

Lembram-me aquelles passeios
Lá baixo no *Salgueiral*,
Ou na *Lapa dos Esteios*,
Ou no fulgente *Areal;*
Lembram-me as idas a *Cellas*,
As suaves tardes bellas,
Passadas *da Ponte no O;*
E quando já n'essa edade,
No *Penedo da Saudade*
Saudades gemia só.

Nem me ficaes esquecidos,
Antigos socios de então,
Que a esses dias volvidos
Vossos nomes nome dão;
Foi vida de irmãos a nossa,
Aqui o palacio e a choça
Eram por dentro iguaes;
Crenças vivas, rosto puro,
Olhos fitos no futuro,
No amor da patria rivaes.

Esta mesma casa... oh! quantas,
Quantas lembranças me traz!
Palco amigo, tu me encantas
Co'as imagens que me dás;
Compõe-me inteiro o passado,
E d'esse viver sonhado
Deixa-me agora enganar ..
Mas não... logar ao presente,
Que eil-o se ergue nobremente
Com novos loiros sem par.

Quaes fomos, sois hoje a esp'rança,
Mancebos, da patria a flor,
Do futuro segurança,
Das nossas letras penhor;
Entre vós o rei da lyra
Bem vedes que vos inspira,
Brandindo um facho de luz,
Bem vedes o immenso brilho
Com que o nome de Castilho
Em nossas glorias reluz.

Eia, mancebos, ávante,
Vencei-nos, vencei-nos, vós;
Seja a patria triumphante,
Que é o que importa a todos nós;
Tendes crença, fogo e vida,
Tendes a alma despida
Do lodo das vis paixões;
Levae ao mundo essa aurora,
E sobre os brazões d'outr'ora
Levantae novos brazões.

Eia, pois, Coimbra seja
Primavera do porvir,
E n'ella, mau grado á inveja,
Portugal sempre a florir;
Oh! Possa eterno este solio,
Este augusto capitolio
Das patrias letras, brilhar,
Que eu, tomado de respeito,
Eu sempre, dentro do peito,
Hei-de seu nome guardar.

A. X. R. CORDEIRO

A TOMADA DE COIMBRA

... — Eia, guerreiros, depressa,
As armaduras cingir,
Que essa cidade p'ra Christo
Vai hoje as portas abrir.
Eu o juro — nessas torres
Vão hoje as luas cair.

Coimbra a bella, a moirisca,
As largas portas abriu;
O Propheta de Castella
A prophecia cumpriu,
Por uma entraram Christãos,
Por outra o Moiro saiu.

Um cavalleiro foi visto
Que entre os christãos combateu;
Valia por mil a espada,
Assomos tinha do ceu.
Era o Apostolo d'Hespanha,
Mal haja quem o não creu.

Poucos dias são passados
E na Mesquita d'Agar
Já christã e baptisada,
Stava um guerreiro a velar
As armas com que no cerco
Soube as dos mouros falsar.

Horas depois D. Fernando
Rica espada lhe entregou,
Deu-lhe a Rainha o cavallo
Em que elle esbelto montou,
E a infante que o amava
As esporas lhe calçou:

Era o bravo entre os mais bravos,
Era dos mouros terror,
Foi armado cavalleiro
Por Fernando o vencedor,
Era D. Rodrigo Dias,
Era o Cid — o Campeador.

A. LIMA

ADEUS A COIMBRA

... Risonha terra, formosa,
Eden mimoso, gentil,
Onde os prados são de rosa,
Onde as aguas são d'anil...
Amenos prados, fagueiros,
Chorosa fonte d'Ignez,
Cedros, e verdes salgueiros,
Que me ouvistes tanta vez!
Vou perder-vos! ai! quem ha-de
Matar me a longa saudade
Em tão longa viuvez?
....

A. M. COUTO MONTEIRO

COIMBRA

... Moram ternas saudades gemedoras
Nos verdes salgueiraes, que as margens vestem
Do teu placido rio.
Quantas vezes sosinho alli vagando
Magoas do peito suspirando exhalo!
Quantas vezes na lyra desditosa,
Em sentidas canções, em versos tristes,
Chóro minha ventura!
Já de me ouvir mais triste a rola geme,
Aprendeu-me o carpir, chora comigo.
Ouve a fonte d'Ignez minhas endeixas,
E suspiram de ver-me os altos cedros,
Que o sitio enluctam co'os funereos ramos:
Memorias da infeliz meus ais lhe acordam.

Doce fôra o gemer, suave a morte
Nestes saudosos magicos retiros,
Se em compassivo peito um écho ao menos

Encontrassem meus ais, meus vãos lamentos:
Se o meu viver tão só não deslisára
N'este Eden formosissimo!.....
Louçã, formosa Coimbra,
Linda flor de Portugal,
Bellezas, que os céus te deram,
Na terra não tem rival.

Coimbra 1 de Maio de 1842.

ANTONIO DE SERPA

COIMBRA

Quem nunca viu Coimbra
Pela brisa embalada
Do Mondego,
Que de amorosa timbra,
Na margem reclinada
Com socego,

Não sabe o que é belleza,
Ai! não conhece a filha
Dos amores,
Mais nobre que Veneza,
Mais linda que Sevilha
Sobre flôres;

Gentil como Granada,
Granada, a flôr mais bella
Das Hespanhas.
Como ella decantada
Mais rica inda do que ella
De façanhas.

Coimbra, teus monumentos
De Godos e de Mouros,
Já desfeitos,
São altos juramentos,
Que attestam aos vindouros
Os teus feitos.

Por Hercules fundada,
Tu Viriato viste,
O valente;
De Roma foste amada,
Qual outra não existe
No Occidente

O Suevo e o Alano
Teu sceptro disputaram
Ferozmente;
Amou-te o Godo ufano,
Os Mouros alindaram
Tua frente.

Da velha monarchia
Depois côrte guerreira
D'alta gloria,
Em grau de valentia
Serás sempre a primeira
Pela historia.

De Affonso o Grande a sombra
De noite inda lá véla
Protectora;
Phantastica inda assombra,
Qual forte sentinella
Veladora.

As auras que sussurram
Nas folhas buliçosas
Doces cantos,
De Ignez inda murmuram
As queixas lamentosas,
E os prantos.

Coimbra, patria minha,
De dia rodeada
De verdores,
A' noite te acarinha
A lua prateada,
Meus amores.

Curvada sobre a margem
Co'a fronte n'esse outeiro
Tão gentil,
Afaga-te da aragem
O sôpro mais fagueiro,
Mais subtil.

O rio ás tuas plantas
Reflecte sobre o dorso
Tua imagem;
Murmura graças tantas
Com desleixado esforço
Doce aragem.

A lympha d'esse rio,
Que corre, d'alva prata,
Para o mar,
Por tardes lá do estio
Que imagens que retrata
De encantar!

Imagens tão singelas
De graças, tão altivas
De mirar-se,
De timidas donzellas,
Nas aguas fugitivas
A banhar-se.

Os languidos salgueiros
Se curvam graciosos
Sobre as aguas...
Que fremitos fagueiros!
Que beijos amorosos!
Ai! que fraguas!

E onde ha ahi semblantes
Mais bellos que os das filhas
Do Mondego?
Nos olhos deslumbrantes
Amor, amor, lá brilhas
Com socego.

As murmurantes brisas
Aos echos amorosos
Vão levar
Mil queixas indecisas,
De seus ais maviosos
O cantar.

E tudo solta um canto,
Tudo brando murmura
Beijo ou dôr.
E tudo diz — encanto,
E tudo diz — ternura,
Diz — amor.

Salve, gentil princeza!
Salve da Beira filha,
Meus amores!
Mais nobre que Veneza,
Mais linda que Sevilha
Sobre flores!

F. DE CASTRO FREIRE

A FONTE DO CASTANHEIRO

... Fonte do Castanheiro, a tua linfa
Hontem da lua aos raios prateada,
Hoje corre estendida pelas trevas,
E em seu murmurio triste é como a rôla
Que d'entre as matas geme.

Oh! silencio... a minh'alma que s'inunde
Neste pelago immenso de tristeza,
E farte a sede que ganhou no mundo,
Quando illudida desvairou por elle
Em cata de ventura.

Ou antes, se vos praz, cantai — mas triste,
Triste seja o estribilho, seja accorde
Do vento ao sibilar, aos echos lugubres,
E ao murmurio da linfa gemedora...

J. FREIRE DE SERPA

SOLAU DO « INFANTE D. JOÃO »

ou « A negra façanha de Sub-Ripas »

... Que moço é aquelle, de semblante pallido,
Que airoso trota no veloz ginete ?
Aereo manto sobre o corpo esqualido
Ondeia ao vento.

De espaço a espaço o acicate agudo
Com ancia crava do corcel na ilharga ;
Do elmo pende-lhe, a bater no escudo,
Negro penacho.

Aos crebros saltos, nas ferradas grevas
Lhe roça a espada com fragor de morte ;
D'echos em echos pelas bastas trevas
O som rebôa.

Sob a couraça o coração lhe anceia,
Direito ao muros da formosa Coimbra.
Á cêrca, as redeas ao corcel sofreia,
Que pára humilde.

Estreitas ruas da cidade gothica
Eil-o atravessa, a demandar os paços,
Os paços tristes, onde, planta exotica,
Definha a infante.

Trepa, do portico, a spiral sombria ;
Da spiral passa para a sala d'honra ;
A estreita porta do aposento enfia...
— A esposa dorme ;

Dorme no thóro conjugal despida ;
Os alvos membros alvo linho cobre ;
Um sonho placido, entre morte e vida,
Lhe anima o rosto.

Em pé o infante, face a face ao leito,
E' qual da morte macilenta estatua.
Fulge da alampada o clarão desfeito
Na fronte pallida.

Mas eil-o accorda do turpor, e estende
A mão de ferro sobre as frageis roupas,
Que ao chão arroja . Oh ! que ninguem defende
A pobre esposa !

Despida, e alva como a neve pura,
Surge do somno espavorida a triste ;
Os olhos crava na fatal figura
Do esposo iniquo.

Os olhos crava, — dá-lhe um riso ainda,
Que vae na ponta d'um punhal finar-se.
Foi riso extremo n'essa face linda,
Foi rir da campa.

Lá entre os seios, donde o rir brotára,
O agudo ferro do traidor se embebe.
Em ai de morte quasi o rir trocára...
Tempo não teve.

« Jesus!...» —ainda lhe assomou no aspeito ;
« Jesus !...» —morreu-lhe sem chegar ao labio;
« Jesus !...» —lá dentro foi buscar-lho ao peito
Punhal damnado.

Cahiu por terra a malfadada, morta,
Ao revolver-se no vermelho sangue...
O cavalleiro guarda o ferro. A porta
Nos gonzos range...

F. PALHA

A MINHA MÃE

Nessa alta cidade
Já reina o misterio !
Tão triste !... Parece
Ser lá cemiterio !

Que paz, que socego !
O brando Mondego
Não oiço a chorar

Beijando essa relva!
Nem dentro da selva
Uma ave a cantar!

A rã lá está... onde?
Callada se esconde
No verde paul!
Estrellas brilhantes
Semelham diamantes
N'um manto de azul!

Silencio! Que é noite
Na terra e no mar!
Silencio! Que est'hora
Foi feita p'ra orar!
.....

A. A. SOARES DE PASSOS

A FONTE DOS AMORES

Eis os sitios formosos, onde a triste
Nos dias d'illusão viveu ditosa;
Eis a fonte serena, e os altos cedros
Que os segredos d'amor inda lhe guardam.
Oh! quantas vezes, solitaria fonte,
Após longo vagar por esses campos
Do placido Mondego, n'estas margens
A namorada Ignez veio assentar-se,
E ausente do seu bem carpir saudosa,
Aos montes e ás hervinhas ensinando
O nome que no peito escripto tinha!
E quantas, quantas vezes no silencio
Desta grata soidão viste os amantes,
Esquecidos do mundo e a sós felizes,
Nos extasis da terra os ceos gosando!

Pobre, infeliz Ignez! breves passaram
Os teus dias d'amor e de ventura.
Ao regio moço o coração renderas,
E o que em todos é lei, em ti foi crime.
Eis do barbaro pae, do rei severo,

Se arma a dextra feroz, eil-o que aos sitios
Onde habitava amor conduz a morte.
Distante do teu bem, ao desamparo,
Ai! não pudéste conjurar-lhe as iras.
Debalde aos pés d'Affonso lacrimosa
Pediste compaixão; debalde em ancias
Abraçando os filhinhos innocentes,
Os filhos de seu filho, a natureza
Invocaste e a piedade: a voz dos impios,
Dos vis algozes, te abafou as queixas,
E o cego rei te abandonou aos monstros.
Eil-os a ti correndo, eil-os que surdos
Aos ais, aos rogos que tremendo soltas,
No palpitante seio crystallino,
Que tanto amou, oh barbaros! os ferros,
Os duros ferros com furor embebem.
Prostrada, agonisante, os doces filhos
Por derradeira vez unes ao peito,
E de teu Pedro murmurando o nome,
Aos innocentes abraçada expiras.

Inda, infeliz Ignez, inda saudosos
Estes sitios que amavas te pranteiam.
As aves do arvoredo, os eccos, brizas,
Parecem murmurar a infanda historia;
Teu sangue tinge as pedras, e esta fonte,
A fonte dos amores, dos teus amores,
Como que em som queixoso inda repete
Ás margens, e aos rochedos commovidos,
Teu derradeiro, moribundo alento.

A. AYRES DE GOUVÊA

NUM ALBUM

A mim do Mondego a flor,
Amigos, não, não me falla
Só n'aragem que se embala
Nos braços do salgueiral,
Junto ás horas do sol-por.
... E mais que tudo me fala
Nuns olhos que eu aqui vi,

N'uma vida que eu vivi
Tão doce que nem sonhál-a
Póde quem nunca a viveu.
... Vida d'amor, d'esperança,
Vida que nunca se alcança
Sem muita lagrima e dor:
Vida que extingue o desejo,
Vida que sella c'um beijo
A jura d'eterno amor!

THOMAZ RIBEIRO

O PENEDO DA MEDITAÇÃO

Rochedo, como! sosinho
Tão distante da cidade
Só do sussurro dos montes,
Do rumorejar das fontes,
Da branda relva do prado,
Das franjas dos horisontes
Tu queres ser festejado?!

Meditação! — como é grande
Este teu nome, rochedo!
Oh como entende este nome,
Quem ama, e soffre em segredo!

Sombrio, impassivel, mudo,
Que esperas? — do mundo alguem?
Gigante inerte — comtudo
Tu choras, porquê? — por quem?

Do monte cortado a pique,
Porque, sentado n'altura,
Espreitas tão debruçado,
Firme, attento, fascinado,
Lá abaixo o fundo do prado,
Que te ha de dar sepultura?
Nem vês, victima da sorte,
Que por fatal magnetismo
Tu pendurado no abysmo
Lá tens d'encontrar a morte?!...

Do meu soffrer resignado
És eloquente memoria,
És o padrão mutilado
Da minha troncada historia;
És! — não vão muito distantes
Momentos, em que, a seu lado,
A mim e a Deus o jurei,
Nos poucos, breves instantes,
Que, n'esta pedra sentado,
Junto d'ella meditei.

Tu queres por companheiros
Só estes montes tão tristes; —
Da quéda, que ha de matar-te,
Vês a distancia, e persistes;
— Só d'estes aridos montes,
Onde tanto amor senti,
Eu amo a triste saudade,
Que as lindezas da cidade
Recordam-me o que eu perdi;
— Deixae-me, — perdido o tino,
Prendeu me um cego destino,
Sei que me vou despenhar;
Bem perto chammeja o incendio,
Debalde bradais « — detende-o — »
E sei, qué me hei de abrazar;
Juncto a mim negreja o abysmo,
E por fatal magnetismo
Heide-lhe a altura salvar. —

Ai! n'esses breves instantes,
Que juncto d'ella scismei,
Que de Epopeias gigantes
Concebi, se as não cantei!!
E ella sorrindo sempre
No monte, no val, nas flores,
Do céu na amplidão immensa —
E amei-a, quando sorria,
Como á luz d'ultima crença,
Que mata, se tem um fim;
E ella linda, linda... e fria
Como a estatua da indif'rença
Sentada alli juncto a mim!!

Perdi-me! — é tarde, — se esperasse ao menos,
Dias serenos d'um viver feliz...
Mas nunca!... Ai rozas, em que eu leio amores,
Pendidas flores, que não tem matiz.

Rochedo, ao menos ao viçoso prado,
Onde encantado teu olhar ficou,
Mandas o pranto, que te inunda o peito,
Ultimo preito de quem muito amou.

Mas eu . forçado a segredar sosinho
N'este caminho de miseria e dor,
N'um rir forçado, que ninguem presume,
Escondo o lume d'infinito amor.

Alma, não deixes de saudar constante
Clarão distante da longinqua luz;
Que se ficares sem a imagem d'ella,
Erma capella!! que te resta? — a cruz. —

Fujamos, meu pensamento,
Deixa este val d'amargura,
Que após o negro tormento
Virá talvez a loucura; —
Vejo-lhe o vulto, — é medonho, —
Ouço-lhe o rir — faz tremer —
Tem o andar pezado e lento...
Fujamos, meu pensamento,
Não quero louco morrer!

Coimbra — 1855.

AMELIA JANNY

SONETO

Do Mondego nas ribas murmurosas,
D'um dia procelloso em manhã fria,
Entrei da vida a estrada erma e sombria
Onde, entre espinhos, vicejavam rosas.

Criança doida em horas remançosas,
Soltei ao vento os cantos d'alegria,
Festejando a alvorada que sorria
Da minha alma ás visões puras, radiosas.

Depois sonhando devassar arcanos,
Penetrar do porvir na senda escura,
Busquei verdades, encontrei enganos.

Hoje, á beira do abysmo mal segura,
No relogio fatal dos desenganos
Conto os momentos de fugaz ventura.

Coimbra, 1889.

JOÃO DE DEUS

PENEDO DA SAUDADE

Versão da poesia latina de Santos Valente a Alberto Telles

Que lagrimas de louca saudade
Não derramou aqui Dom Pedro outr'ora
Vendo á ordem de el-rei, seu proprio pae,
Ignez assassinada!

Elle aqui vinha á tarde alheio a tudo
Vasar do fundo de alma os seus gemidos,
Emquanto o pranto lhe offuscava a luz
Dos olhos arrasados!

E inda hoje em dia ao despedir da tarde,
Quando a noite assim vem baixando á terra,
Não nos parece ouvir como que uns ais
A quanto nos rodeia?

Não nos parece o musgo d'estas rochas
Orvalhado de pranto, e que suspiram,
Ainda como então, arvores, ar,
E até as proprias pedras?

Logar encantador! D'aqui se alcançam
Largas campinas a perder de vista,
E alvejando dispersos os casaes
Por hortas e pomares.

D'aqui se avista o languido Mondego,
Onde a face da lua se retrata,
Atravessando os campos e vergeis
Que inunda e fertiliza.

Dá com as suas aguas mais realce
Aos nobres e sagrados monumentos
Da cidade imminente. Em baixo as rãs
Lá se ouvem já coaxando.

Que bello, amigo, ás horas do silencio
Ver este céo de estrellas esmaltado,
Emquanto a lua, emula do sol,
Pranteia monte e valle !

Aqui nos chama a doce poesia ;
Merece-nos a musa alguns momentos ;
Nem sempre o estudo austero. Ouve-se aqui
O mocho de Minerva.

Aqui se ostenta a rica natureza !
Aqui se aspira um halito divino !
Ah vem, amigo, ouvir o rouxinol
No bosque solitario !

THEOPHILO BRAGA

ADEUS A COIMBRA

Por ocasião da formatura do seu curso

As flores virentes vestiram o prado,
O vento, que o aroma derrama, as desfolha ;
Infunde tristeza sentir o passado,
Pois vê-lo ? se o pranto o esconde a quem olha.

Ai risos da infancia, que amor nos exprimem,
Que a vida despertam na rapida aurora ;
Passaram ! que dôres estranhas me opprimem,
Que tempo ditoso não foi... mas agora ?

Sou folha cahida na extensa floresta,
Sou folha perdida no arido valle !
De tanta alegria sincera o que resta ?
Na muda agonia, que a lagryma falle.

Se uma ave, que emigra das brumas, não deve
Sentir do seu colmo deserto a distancia ?
Feliz primavera ! voou-nos tão breve,
Mas deixa da eterna saudade esta ancia.

Coimbra, 1866.

ANTHERO DE QUENTAL

CANTIGAS

Lindas aguas do Mondego,
Por cima olivaes do monte !
Quando as aguas vão crescidas
Ninguem passa alem da ponte !

O' rio, rio da vida,
Quem te fôra atravessar !
Vais tão cheio de tristezas...
Ninguem te póde passar.

Mas dize tu, ó Mondego,
Pois todos levam seu fado,
Tu que foges e eu que fico
Qual de nós vai mais pesado ?

Tu, ao som dos teus salgueiros
Levas as tuas areias...
Eu, ao som dos meus desgostos,
Levo estas negras ideias...

Debaixo do arco grande,
Onde a agua faz remanso,
Tem paz certa qualquer triste
Que ande á busca de descanço.

O luar bate no rio ;
Tem um magico fulgor...
Não ha assim veu de noiva,
Nem ha mortalha melhor !

Lindas areias do rio !
Uma traz d'outra a fugir,
Vão direitas dar ao mar !
Ah ! quem podera dormir !

Quem tiver amores tristes
E andar roto a mendigar,
Dá-lhe a agua um brando leito
E ha-de vestil-o o luar !

Á noite, o salgueiro é negro...
Com o vento meneando,
Parecem filas de frades,
Todos em côro resando.

O' frade, fecha o teu livro,
Vae caminho do teu fim .
Que eu já tenho quem me enterre
Mais quem me reze latim !

Lindas aguas do Mondego,
E os salgueiros a cantar !
Quando a cheia é de tristezas
Ninguem a póde passar !

J. SIMÕES DIAS

ESTANCIA

Quem sou ? perguntaes vós, moças de Hespanha.
Sou das terras que o limpido Mondego
Com sua vêa crystallina banha.
A minha terra em gloria foi tamanha
Que a não excede a patria de Quevedo ;
Nos campos me creei da linda Ignez,
Moças de Hespanha, emfim, sou portuguez.

JOÃO PENHA

CANÇÃO DE BOHEMIOS

Oh vós, que do canto sois velhos freguezes,
Ouvi destas lyras o melico emprêgo!
Nós somos as gêmas, os bifes inglezes,
Os paios das filhas do claro Mondego.

Sorri-nos a vida nos cálices cheios
Dos roixos falernos das parras da Beira,
Sorri-nos a Céres dos tumidos seios;
Sorri-nos dos bosques a Venus ligeira!

Nos mestos papyros da sciencia moderna
A droga se encontra que ao somno convida;
Queimêmol-os todos, que só na taberna
Os livros se encontram da sciencia da vida.

Ao vento os cabellos! por montes e valles,
Corramos no passo das gregas chorêas!
Bachantes das praças, vibrae os cymbales!
Abri-nos as portas, gentis Galathêas!

GONÇALVES CRESPO

ESTUDANTINA

Acorda, minha Thereza,
Descerra a janella tua!
Espalha-se a luz da lua
Pela poetica deveza...
Entre os sinceiros da margem
Murmura o claro Mondego,
A noite corre em socêgo...
Acorda, minha Thereza!

Não dorme quem tem amores,
E o teu postigo é cerrado!
Deixa o leito perfumado

E o travesseiro de flôres,
Se queres que eu acredite,
O' minha pallida amiga,
Nas palavras da cantiga :
« Não dorme quem tem amores ! »

Por isso eu vélo cantando,
E esta guitarra suspira.
E o meu coração delira
Mal vem a lua apontando. .
E' que á noite, lirio branco,
Os astros guardam segredo
Dos beijos dados a medo. .
Por isso eu vélo cantando

Quero ver-te como outr'ora
Nesse postigo inclinada,
Conversando enamorada
Até ao raiar da aurora . .
Um lenço posto no liso
Dos teus hombros jaspeados,
Os cabellos destrançados
Quero ver-te como outr'ora.

Não te assustes, Julieta,
Que a manhã te encontre ainda
Bebendo a canção infinda
Que soluça o teu poeta.
Cantará de entre os louros
Uma alegre cotovia,
Mal venha rompendo o dia . .
Não te assustes, Julieta !

Mas dorme a branca Thereza,
Cerrada a janella sua ;
Espalha-se a luz da lua
Pela poetica deveza. .
Entre os sinceiros da margem,
Murmura e corre o Mondego,
Que tristeza e que socêgo !
Ai ! dorme, dorme, Thereza !

CONDE DE SABUGOSA

LUIZ VAZ

O sol da lusa Athenas sobredoira
A fulva cabelleira emmaranhada
D'um moço cuja fronte é levantada,
Garboso o busto na coçada coira.

Da gorgeira lhe emerge a barba loira,
Pende-lhe á cinta a irrequieta espada
Prompta a bater-se por mulher amada,
Prompta a atirar-se contra a gente moira.

Nos campos do Mondego divagando,
Poeta e namorado e cavalleiro,
Queda-se ás vezes nos choupaes scismando...

E' Luiz Vaz — o futuro aventureiro —
Que julga ver o rio ir engrossando
Com lagrymas de Pedro o Justiceiro!

ANTONIO FEIJÓ

(Sob o pseudonimo de Ignacio de Abreu e Lima)

CONIMBRICA

O amor d'um estudante
Não dura mais que uma hora...
Que o diga a pobre Violante
Que toda a gente namora!

Junto aos Palacios Confusos,
Os dias, passa-os á porta,
Fazendo girar os fusos
Da sua meada torta.

D'ôlho álerta, nada esquivo,
E coração sem maldade,
Em cada anno lectivo
Namora uma faculdade.

.....

Quem dera ver-te! Estás velha,
Mas nos teus olhos, talvez
Descubra ainda a scentelha
Que me inspirou tanta vez,

Quando, cabellos ao vento,
E a capa negra ao luar,
Soltava o meu pensamento
Como uma aguia a esvoaçar...

Ás vezes voltava exangue,
Mas sempre, como os condores,
Deixava um rasto de sangue,
Sobre um caminho de flores!

MANUEL DA SILVA GAYO

DIAS CORRENTES

(Parte III da écloga « Lemano »)

Lograssem águas passadas
Atraz voltar! Quem o déra!
Primeiras fructas córadas,
Quem de novo vos colhera
Do mesmo orvalho orvalhadas!
Ah! Quem de novo lográra
O Sol dos dias ausentes!
Que hoje outra vida eu levára
Se aquelle Sol me doirára
Meus tristes dias correntes!

Uma outra vida, apartada
Da que levei por meu mal,
Pois foi vida desgarrada
Por que só dei, afinal,
Depois de desbaratada.
Mas é destino sabído
Que só depois de o perder
Bem se queira ao bem perdido,
E veja não ter vivído
Quem já vae a envelhecer.

Moços zagaes de hoje em dia,
Nenhum de vós me conhece,
Pois nem vos amanhecia
Quando o Sol (que mal me aquece)
Já de alto então me aquecia.
Zagalas, neste pastor
Mal outro sonhaes e vêdes
Que, ao tempo de seu verdor,
De novos beijos d'amor
Curtia fomes e sêdes.

Mas que mal faz que á vontade
Na minha possa dobrar,
Moços zagaes, vossa edade,
Se o uso do bem cantar
Entre ellas poz egualdade?
Se são no canto ligeiros,
Velhos e novos pastores
Tambem no mais são parceiros,
E já nos fez companheiros
Quem nos criou cantadores.

E pois que, cepo ou vergeis,
Somos uma e a mesma lenha,
No que vos diga achareis
— Porque eu consumido venha —
Aviso que lembrareis
Depois. só me será dado
Viver para vos ouvir,
Cuidando ser meu passado,
Mas de tristezas lavado,
Que volta em vosso porvir!

Nunca deixeis vosso rio,
Se é espelho de verdes montes
E de olivedo sombrio.
Nunca deixeis vossas fontes,
Chorando por vós em fio.
Nunca por famas levados
Ai! nunca de longes terras
Busqueis os fructos gabados,
Pois vos serão amargados,
E em tudo só tereis guerras.

Tal foi, tal foi meu fadario...
Porque atraz de alheios cantos
Levado andei, peito vário!
Desfiz meus dias em prantos
E fiz da vida calvario.
Para guardar o de estranhos
Meu proprio gado deixei;
Mas, por castigo, em vez de anhos
Só, entre os homens, rebanhos
De feros lobos achei.

E meu mais vivo soffrer,
E minhas penas constantes
Nasciam de longe ser
A frauta que fôra d'antes
A graça de meu viver.
Pois desque, apartado desta,
Doiradas frautas tangí,
Nunca mais, troca funesta,
Ninguem, com trinos de festa,
Ou brados de dôr venci.

Nunca assim, moços zagaes,
Deixeis por novas cantigas
Trinados e duros ais
De vossas frautas antigas,
Por muito que outras ouçaes.
Olhae que se agora pude
As almas destes logares
Vir acordar, foi virtude
Só desta avena, da rude
Cigarra de meus cantares.

E se quereis ver amados
Os vossos cantos, então
Que os passos por vós andados
Perdidos além não vão
Da extrema de vossos prados.
Se ouvidos vós quereis ser,
Que as queixas de íntimos males
Não vão ao longe bater
Da terra onde hão de morrer
Os echos de vossos valles.

É que para alguem na vida
Contar seu bem ou seu mal
Ha só a falla nascida
Na mesma terra natal
Dessa alma, alegre ou sentida.
E só tambem hão de amar
Seu canto os que em seu torrão
Tiveram berços e lar,
Que é isto o que faz medrar
Egual sentir e razão.

E não vos pareça estreito
O vosso torrão, pastores,
Pois este é torrão de geito
Para seára de amores,
Que á farta vos encha o peito.
Outra não ha que assim seja
Terra de doces cantigas;
Por onde quer que se esteja
O ar — ouvís? — rumoreja
De vozes de raparigas.

Que raparigas então!
Ah! vêde que airosas môças
As lavradeiras não são,
E as que por prados e bouças
Guardando rebanhos vão!
Fazem seus rostos cuidar,
De lindos que Deus os fez,
Que ajuntam ao pennujar
Das fructas a amadurar
Lourejos de pão tremez.

Mas é a Mondego claro
Que mais do que a tudo quero,
Pois delle só colho o amparo
E delle o socego espero
De que ora já sou avaro.
E porque tanto eu lhe queira
É que, lembrando a doçura
Da minha edade primeira,
Á terra de sua beira
Venho pedir sepultura.

Rio de fallas mais tristes,
De mais saudosas toadas,
Ai ! nunca no mundo o vistes !
Tão vivas coisas passadas
Nunca a ninguem as ouvistes !
E não ha hora que cáia
Mais a geito de as ouvir
Do que esta, em que o sol desmaia,
E a voz das aguas se expraia
Como uma prece a subir.

Ouví-o, por que o louvor
De suas saudosas tardes
— Emquanto passando fôr
O tempo que aqui passardes —
Nos vossos seja maior
Do que em meus versos ; pois quanto
De minhas canções sabeis,
Quando eu por Mondego canto,
Não é tão bello nem tanto,
Que mudos vós vos fiqueis.

Ouví-o, para que então
De vossos sonhos ou máguas
Melhor se afine a canção ;
Pois sempre por estas águas
Cantigas se afinarão.
E com a graça e valía
Que, assim, no cantar puzérdes
Não estranheis se algum dia
Atraz de vós, á porfía,
Brutos e rochas moverdes.

Ouví-o sempre, zagaes,
Que só de ouví-lo parece
Que, em roda, quanto vejaes
Humano se torna, e esquece
As condições naturaes :
São tudo almas e vidas
Desde o monte ao verde prado,
E as oliveiras sentidas
Viuvinhas lembram, vestidas
De luto alliviado.

Ouví-o, pois quem o ouvir
Maior affecto ha de ter,
Por Mondego nella ir,
Á Patria que o viu nascer;
Se para longe partir,
Quanto mais distante fôr,
Mais lhe hão de os rios lembrar
Deste paiz do Senhor
Onde se morre d'amor,
E se moireja a cantar.

Ouví-o, que só elle ha de
Dar-vos a doce riqueza
Daquella conformidade,
Que vence toda a grandeza.
Para rir do que esta Edade
Tem por melhor galardão
Achará força vital
Quem dentro do coração
Entenda a sábia lição
Dos rios de Portugal.

Ouví-o : lá vae contando
Lindas histórias contadas,
Onde ha salgueiros fallando,
Milagres de mãos sagradas,
E peitos d'amor penando ;
Onde o Porvir ao Passado,
Em desconto dos maus dias,
Promette canto afamado ;
Até que ao tempo provado
Responda com prophecias.

ALFREDO DA CUNHA

« IN ILLO TEMPORE... »

(Na volta do correio, ao receber o « In illo tempore... », crónicas coimbrãs que Trindade Coelho dedicou ao autor destes versos)

Não é livro, é céu aberto !
Que queres tu, em verdade,
Que eu diga dêle, Trindade,
Que tu não saibas ao certo ?

Torno agora a vêr de perto,
No teu livro, uma outra idade,
Que eu recordo com saudade
— Sonho de que hoje desperto!

Com que amor e com que empenho
Tu fazes voltar á vida
A mocidade perdida!

Se até no proprio retrato
Em que os meus olhos detenho,
Tão perfeito e tão exacto,

— Como tudo ali revive! —
Vejo o cabelo que tive
Sem vêr as rugas que tenho!

Bussaco, 1902.

QUEIROZ RIBEIRO

ULTIMA NOITE

A Luiz de Magalhães.

O Mondego reflectia,
Por entre limpidos ais,
A amarga melancolia
Que tortura os salgueiraes.

E o clarão da lua cheia,
Ethereo, vago, indeciso,
Espraiava-se na areia
Como um languido sorriso.

Seguiamos pela estrada;
Foi essa a vez derradeira
Que te senti, doce amada,
Suspirando á minha beira.

Os rouxinoes, no entretanto,
Não paravam de cantar;
Havia n'aquelle canto
Um echo do teu pezar...

Lacrimosa e commovida,
Cravaste os olhos nos meus...
O' noite da despedida!
O' magoa do eterno adeus!

Depois do sentido abraço,
Houve um silencio completo,
Em que o tremor do teu braço
Fallava do nosso affecto.

Mas não fingi qualquer crença
No solitario porvir.
— Uma paixão tam immensa
Nunca se deve illudir!

Assim, o longo tormento
Da minha longa mudez
Exprimia o soffrimento
E... um desengano talvez.

N'isto, suave e tranquilla,
Sôa uma voz na amplidão;
E eu pensei quasi, ao ouvil-a,
Que escutava o coração:

Adeus Coimbra saudosa,
Voltada para o Mondego!
Longe do bem que amo tanto
Viverei com mais socego!

Affastou-se a voz ignota,
Mas este queixume brando,
Verso a verso, nota a nota,
Dentro em mim ficou vibrando.

E, no peito dolorido,
Minha alma triste e chorosa
Bradou, n'um fundo gemido:
Adeus Coimbra saudosa!

Então, magoas verdadeiras
Trouxeram-me á phantasia,
Como doces companheiras
De quem eu me despedia,

A tua alcova singella
D'um adoravel conchego,
E a nossa antiga janella
Voltada para o Mondego.

Julguei-me longe, sósinho,
Despertando tristemente,
Como ave expulsa do ninho
Onde vivia contente

E senti no olhar incerto
A nevoa escura do pranto,
Porque entrevia um deserto
Longe do bem que amo tanto.

Mas a cantiga é traidora
No modo como termina,
Que a saudade inquietadora
Inda agora me domina.

E já que a nova existencia
Não me trouxe o desapego,
Apesar da tua ausencia
Nunca mais terei socego!

ALBERTO OSORIO DE CASTRO

FOGUEIRAS DO SÃO JOÃO

Ó Antonio Fogaça, anda comigo,
Levanta-te da cova, vem passear!
De braço dado anda daí, amigo,
Vem recordar aquele tempo antigo,
Olha Coimbra como é linda ao luar...

A. O. DE C.

O duplo manjar branco do seu seio,
Biquitos dum dourado de arrufada,
Tinham mais mel e mais fino recheio
Que os pasteis de Tentugal e a queijada.

Mas nem pasteis de Santa Clara, nada,
No val de Coimbra, claro rio ao meio,
Tinha o sabor dos bicos de arrufada
Do duplo manjar branco do seu seio.

Ó Coimbra, iniciadora de rapazes!
Onde mais frescos, rústicos lilases
Nos deixam na lembrança igual perfume!

Tu és a graça, Coimbra! adolescente.
Como brilham já longe para a gente
Fogueiras do São João, florido lume!

Timor, Lahane, 1900.

CAMILLO PESSANHA

CELLAS

E eis quanto resta do idyllio acabado,
— Primavera que dura um momento.
Como vão longe as manhãs do convento!
— Do alegre conventinho abandonado...

Tudo acabou... Anemonas, hidrangeas,
Silindras, — flores tão nossas amigas!
No claustro agora viçam as ortigas.
Rojam-se cobras pelas velhas lageas.

— Sobre a inscripção do teu nome delido...
Que os meus olhos mal podem soletrar,
Cançados... E o aroma fenecido

Que se evola do teu nome vulgar!
Enobreceu-o a quietação do olvido.
Ó doce, ingenua inscripção tumular!

EUGENIO DE CASTRO

AO PRATEADO MONDEGO

Pára, Mondego! Pára, não prosigas,
Prateado rio, não caminhes para o mar;
Ouve da minha bôca as palavras amigas,
Que te podem salvar!

De ambicioso que és, até parece
Que tens um fragil coração humano ;
A Ambição te subjuga e te endoidece,
Rio, quer's ser oceano !

Julgas ir para a luz e vaes p'ra as trevas
Chegado lá,
A agua doce que levas
Salgada se tornará...

Antes que a tua alma chore arrependida,
Pára, ambicioso ! para o mar não vás,
Que és sobre a areia como nós na vida,
Que não podemos voltar atraz...

Olhos n'um traiçoeiro, fementido norte,
Não ouves dos mochos os fataes presagios :
Onde a vida buscas, vaes achar a morte,
Eras bom e manso e vaes fazer naufragios !

Deixaste as serras limpidas, honestas,
E as aldeias viçosas,
Deixaste a sombra mansa das florestas,
E vaes beijar cidades crapulosas !

Põe em mim os teus olhos de berilo,
Rio onde, ingenuo e moço, me mirei :
Como tu, na Ambição busquei um flavo asilo,
E vê o que lucrei...

Vê como volto, a alma esfarrapada,
Desiludido, cheio de amargor,
D'essa ululante Babilonia mais danada
Que a do alto rei Nabucodonosor.

Fui á cata de rútilas grandezas,
Palacios d'oiro, homens leaes, mulher's divinas,
E só achei infamias e torpezas,
Feras e ruinas.

Tristes os que caminham n'esta vida,
Cegos, atraz d'uma illusão traiçoeira !
Onde eu vira os jardins fabulosos de Armida,
Achei uma estrumeira !

Busca na solidão um carinhoso abrigo,
Enforca as ambições que te andam a tentar;
Pára, meu doce, meu prateado amigo,
Não corras para o mar!

Antes te beba a terra ou te transforme em lago!
Detem-te! e se a piedade á alma trazes presa,
Lava-me a vista, que tão suja trago
De ver tanta impureza!

ANTONIO NOBRE

CARTA A MANOEL

Manoel, tens razão. Venho tarde. Desculpa.
Mas não foi Anto, não fui eu quem teve a culpa,
Foi Coimbra. Foi esta payzagem triste, triste,
A cuja influencia a minha alma não reziste.
Queres noticias? Queres que os meus nervos fallem?
Vá! dize aos choupos do Mondego que se callem
E pede ao Vento que não uive e gema tanto:
Que, emfim, se soffre, abafe as torturas em pranto,
Mas que me deixe em paz! Ah tu não imaginas
Quanto isto me faz mal! Peor que as sabbatinas
Dos *ursos* na aula, peor que beatas correrias
De velhas magras, galopando *Avé-Marias*,
Peor que um diamante a riscar na vidraça,
Peor eu sei lá, Manoel, peor que uma desgraça!
Hysterisa-me o Vento, absorve-me a alma toda,
Tal a menina pelas vesperas da boda,
Atarefada mail-a ama, a arrumar...
O Vento afoga o meu espirito n'um mar
Verde, azul, branco, negro, cujos vagalhões
São todos feitos de luar, recordações.

.....

...Hoje, mais nada tenho que esta
Vida claustral, bacharelatica, funesta,
N'uma cidade assim, cheirando essa indecente,
Por toda a parte, desde a Alta á Baixa, a lente!

E ao pôr-do-Sol no *Caes*, contemplando o Mondego,
Honestos bachareis são postos em socego
E mal a *cabra* bala aos Ventos os seus ais,
« Speech » de quarto d'hora em palavras eguaes,
Os tristes bachareis recolhem ás herdades,
Como na sua aldeia, ao baterem Trindades.
Bem me dizias tu, como que adivinhando
O que isto para mim seria, Manoel, quando
O anno passado, vim contra tua vontade
Matricular-me, ahi, n'essa Universidade :
« Anto, não vás... » dizias tu. Eu, fraco, vim.
Mas certamente, é natural, não chego ao fim.
Ah quanto fôra bem melhor a formatura,
Na Escola-Livre da Natureza, Mãe pura !
Que optimas prelecções as prelecções modernas,
Cheias de observação e verdades eternas,
Que faz diariamente o Proff Oceano !
Já tinha dado todo o *Coração Humano*,
Manoel, faltava um anno só para acabar
Meu curso de Psychologia com o Mar.
Porque troquei pela Coimbra de avelã
Essa Escola sem par, cujo Reitor é Pan ?
Talvez... preguiça, eu sei... A *cabra* é a cotovia :
As aulas, lá, começam, mal aponta o dia !

Que tedio o meu, Manoel ! Antes de vir, gostava.

Era a distancia, o *além* que me impressionava :
Tinha o mysterio do Sol pôr, d'uma esperança.
Mas, mal cheguei (que espanto ! eu era uma criança)
Tudo rolou no solo ! A *Tasca das Camellas*
Para mim era um sonho, o Céu cheio de estrellas :
Nossa Senhora a dar de ceiar aos estudantes
Por *6 e 5!* Mas ah ! foi-se a Virgem d'antes
Tia Camella... só ficou a camelice.

Comtudo, em meio d'esta futil coimbrice,
Que lindas coisas a lendaria Coimbra encerra !
Que payzagem lunar que é a mais doce da Terra !
Que extraordinarias e medievas raparigas !
E o rio ? e as fontes ? e as fogueiras ? e as cantigas ?
As cantigas ! Que encanto ! Uma diz-te respeito,
Manoel, é um sonho, é um beijo, é um amor-perfeito

Onde o luar gelou: « Manoel! tão lindas moças!
Manoel! tão lindas são... »
Que pena que não ouças!

O que, ainda mais, n'esta Coimbra de salgueiros
Me vale, são os meus alegres companheiros
De caza. Ao pé d'elles é sempre meio-dia:
Para isso basta entrar o Mario da Anadia.
Até a Morte é branca e a Tristeza vermelha
E riem-se os rasgões d'esta batina velha!
Conheces o Fernando? a Graça que elle tem!
Dá inda uns ares de Fr. Gil de Santarem...
Pallido e loiro, em si toda uma Hollanda canta
Com algum Portugal... E o doce Misco? Sancta
Thereza de Jezus vestida de rapaz...
Porque não vens, Manoel, ungir-te d'esta Paz?

Vem a Coimbra. Has-de gostar, sim, meu Amigo.

Vamos! Dá-me o teu braço e vem d'ahi commigo
Olha... São os *Geraes*, no intervallo das aulas.
Bateu o quarto. Vê! Vêm sahindo das jaulas
Os estudantes, sob o olhar pardo dos lentes.
Ao vel-os, quem dirá que são os descendentes
Dos Navegantes do seculo XVI?
Curvam a espinha, como os aulicos aos Reis!
E magros! tristes! de cabeça derreiada!
Ah! como hão-de, amanhã, pegar em uma espada?
— E os Douctores? — Ahi os tens, graves, á porta.
Porque te ris? Olhal-os tanto... Que te importa?
Ha duas excepções: o mais, são todos um:
Quaresma d'Alma, sexta-feira de jejum...
Não quero entanto, meu Manoel, que vás embora
Sem vêr aquelle amor que a minha alma adora:
Olha, acolá. Gigante, altivo como um cedro,
Olhando para mim com ternura: é o meu Pedro
Penedo!
O' Pedro da minh'alma! meu Amigo!
Que feliz sou, bom velho, em estudar comtigo!
Mal diria eu em pequenito, quando a ama
Para eu me callar, vinha fazer-me susto á cama,
Por ti chamava: Pedro! e eu socegava logo,
Que eras tu o *Papão!* A ama, de olhos em fogo,

Imitava-te o andar, que não era bem de homem...
Eu tinha birras ? — Ahi vem o Lobishomem !
Dizia ella. — Bate á porta ! Truz ! truz ! truz !
E tu entravas, Pedro, eu via ! Horror ! Jezus !

Meu velho Pedro ! meu phantasma de criança !
Quero-te bem, tanto que tenho na lembrança,
Quando morreres, Pedro ! (o Pedro nunca morre)
Hei-de pegar em ti, encher de alcool a Torre
Com todo o meu esmero e... zás ! metter-te dentro !
Pedro ! assim ficas enfrascado, ao alto e ao centro,
E eternamente, para espanto dos vindoiros :
No rotulo porei : *Alli-Bed, Rey dos Mouros.*

.....

Coimbra, 1888-1889-1890.

PARA AS RAPARIGAS DE COIMBRA

O' choupo magro e velhinho,
Corcundinha, todo aos nós,
És tal qual meu Avôzinho :
Falta-te apenas a voz.

—

Minha capa vos acoite
Que é p'ra vos agazalhar :
Se por fóra é côr da noite,
Por dentro é côr do luar...

—

O' sinos de *Santa Clara*,
Por quem dobraes, quem morreu ?
Ah, foi-se a mais linda cara
Que houve debaixo do Céu !

—

Vou a encher a bilha e trago-a
Vazia como a levei !
Mondego, qu'é da tua agoa,
Qu'é dos prantos que eu chorei ?

No inverno não tens fadigas,
E tens agoa para leões!
Mondego das raparigas,
Estudantes e violões!

—

Therezinhas! Ursulinas!
Tardes de novena, adeus!
Os corações ás batinas
Que diriam? sabe-o Deus...

—

O' bôcca dos meus dezejos,
Onde o padre não poz sal,
São morangos os teus beijos,
Melhores que os do Choupal!

—

Manoel no *Pio* repoiza.
Todas as tardes, lá vou
Ver se quer alguma coiza,
Perguntar como passou.

—

Agora, são tudo amores
A' roda de mim, no *Caes*,
E, mal se apanham douctores,
Partem e não voltam mais...

—

O' Fogueiras, ó cantigas,
Saudades! recordações!
Bailae, bailae, raparigas!
Batei, batei, corações!

Coimbra, 1890.

ALBERTO D'OLIVEIRA

BALLADA DOS ESTUDANTES

Voz: Adeus Coimbra, terra de encantos,
Flor do Mondego, lá diz a trova...
Flor tão bonita, que os proprios Santos,
Por teu aroma, fogem da cova,

E veem ás noites, com alvos mantos,
Comer com beijos a lua nova !

Côro : São nossos prantos, são nossos cantos,
Como perpetuas sobre uma cova :
Adeus Coimbra, terra de encantos,
Flor do Mondego, lá diz a trova !

Voz : Adeus piquenas, com quem dansamos
Pelas fogueiras do San-João :
Quem sabe até se lá não deixamos,
Desfeito em cinzas, o coração ?
Com vossos olhos fazei os ramos
Para cobrirdes o meu caixão !

Côro : Ai que olhos negros, juntos aos pares,
Florindo as cinzas do coração
Adeus Coimbra, toda em cantares,
Em desgarradas ao San-João !

Voz : Em sendo mortos, com negra sina
Já terminada no Mundo breve,
Lá das estrellas, nossa Alma deve
Ver no Passado (castello em ruina)
A negra capa mai la batina,
Brancas de neve, brancas de neve !

Côro : E choraremos o tempo de antes,
Faremos côro com os Poetas :
Adeus Coimbra dos estudantes,
Das raparigas como violetas !

Voz : Ai tu não davas, com teus licores,
Para matar uma sede de agua,
Rio Mondego falto de côres,
E tão sequinho que fazes magua...
E, emtanto, os olhos dos meus Amores
São como duas nascentes de agua !

Côro : Dá de beber ao pobre do rio
Pelos teus olhos, como em Bethlem,
Duas fontinhas correndo em fio
Aos lavadoiros da Virgem-Mãe !

Voz: Alvas de prata! Poentes de oiro!
Choupos tecidos por mãos de fadas!
Aguas do rio correndo em choro
Dos olhos negros das Namoradas!
E as folhas seccas, cantando em côro
Avè-Marias em sendo dadas!

Côro: Teus Jardins são como campos-santos,
Campas de freiras, quem sabe? eu piso:
Adeus Coimbra, terra de encantos,
Adeus até ao dia de Juizo!

ANTONIO H. DE MELLO (TOY)

CANTIGAS

Já na rua da Calçada
Vi uma pedra a chorar,
Por tu passares por ella
E fugires de a pisar.

—

Ignez, Senhora das Lagrimas,
Tu choraste tanto, tanto,
Que hoje a Fonte dos Amores
Ainda verte o teu pranto.

—

Teu seio é uma arrufada
E um manjar branco o teu rosto;
Comel-os todos com beijos
E' que era todo o meu gosto.

—

Meu amor é quintanista,
Quintanista de Direito:
Traz uma pasta na mão,
Mas a mim traz-me no peito.

—

Coimbra tem trez Penedos:
E' um da Meditação,
O segundo da Saudade,
Terceiro — o teu coração.

—

No Penedo da Saudade
Colhi um amor perfeito...
Era branco, fez-se rôxo,
Logo que eu o puz ao peito.

Passei numa sexta-feira
Pelo Arco da Traição...
E os teus olhos assaltaram-me,
Levaram-me o coração.

—

Ao Penedo da Saudade
Fui em cata do Passado...
Disse-me lá o Sol-Posto:
— «Nunca mais serei Sol-Nado...»

—

Ao Penedo da Saudade
Todos se vão recordar;
Todos dizem: — «bem me lembro!»
Quantos voltam a chorar...

D. THOMAZ DE NORONHA

EXCERPTO

O curso do Mondego, esmorecido,
Perpassa vagaroso e tão estreito,
Que mal se pode ver em que sentido.

Nenhum murmurio sobe do seu leito,
Nas margens tudo soffre; ai do coitado
Em que o Outomno põe seu duro effeito:

Ou seja flor silvestre ou manso gado,
Ave que emigre ou recolhido insecto,
Freixo altaneiro ou choupo desfolhado...

GUEDES TEIXEIRA

COIMBRA

I

Tardes de Coimbra ensanguentadas, vesperaes,
Com bordados no ar dos Choupos e Olivaes...
Horas do meu Sentir: horas do meu Scismar,
Em que a Paizagem toma os tons verdes do mar...

Tardes de Coimbra, á hora em que o Sol esmorece
E em que os Poentes á arder são como loura messe
Com papoulas em sangue e cantos de cigarras...
Coimbra, ao entardecer, com pruridos de guitarras,
Lirios no coração, tricanas a dansar,
E as azas do Senhor na ascensão do Luar!
E a essa hora indecisa — hora da Nostalgia! —
Ponho-me a olhar, a olhar a verde ramaria,
Como se nella houvesse algum cruel mysterio...
E lá vou eu então, de ao pé do Cemiterio,
Co'os cabellos ao vento e a Alma angustiada,
Metter no coração a Noute luarisada
E cobrir com o alvor dum sonho crystalino
A derrocada atroz do meu negro destino!
Desço depois, noute alta, o monte sem ninguem,
Destaca ao longe a Lua como um beijo aceso ..
— O Amor na minha Alma é uma Lua tambem,
Que me levanta ao Ceu aonde me sinto prêso!
E digo adeus á Vida; ao Mundo eu digo adeus,
Porque em rails de luar, num comboio d'estrellas,
Vou partir afinal para a Chanaan dos Ceus...
Raparigas que amei, vinde ás vossas janelas
Riscar-me com o olhar o meu itinerario...
— Cada estrella que brilha é um amor que eu chorei! —
E... quando eu fôr distante, á luz do Luar, Hylario,
Eu quero ouvir cantar os Versos que te dei!

II

Um céu azul-ferrete amortece o Choupal,
Corpo feito de relva e veias de crystal,
Que me abraça e me beija onde quer que eu me chego ..
Remexe-me os pulmões em ondas o oxigenio...
Raparigas, lavando á beira do Mondego,
Vão dizendo canções com um sabor a genio.
Falto ás aulas...

....

Cá está a Fonte. E, triste, eu fico a idealisar
A minha Noiva ali sob um verde chorão:
Seu vestido ha de ser da côr do seu olhar,
Na trança, em vez da flor, porá meu coração!
Deriva o meu Scismar numa profunda magua,

Como aquellas com que eu os meus versos componho...
E, como alguem que fosse a despertar d'um sonho,
Sinto a bocca a dizer... *que lagrimas são agua*...

III

... Não ouves tu, Amigo, os Choupos a fallar?
Dizem elles que amei uma linda Princeza,
E que morri depois numa noite de Luar!
Bem os ouves dizer que p'las noutes eu ia
Ali para o Jardim dizer, como quem reza,
Um nome que só tu e mais ninguem sabia!...

AUGUSTO GIL

(Raparigas: não vos fieis nêstes versos escritos numa hora de crepusculo, espiritual e casta. Amae, amae estouvadamente. Que as vossas bocas se esvasiem de beijos, que os vossos peitos entumesçam de leite, que os vossos ventres frutifiquem).

Tricaninhas d'olhar opalescente,
De riso claro e sororal aspeito,
Quando por noites de luar dormente,
Capas ao hombro, bandolins ao peito,

Vos passarem á porta os estudantes,
Que o vosso coração não bata mais
Rapidamente que batia dantes,

Que o vosso coração de cera branda,
Ganhe a tenacidade dos metais
Quando o trinar dolente da siranda,
Passar na rua aonde vós morais.

Considerai nas vossas companheiras
Que tantos sonhos atearam quando
Bailavam invioladas nas fogueiras,

Olhai a Elvira, d'olhos côr de mel,
De trança farta e de sorriso brando,
Vêde como o setim da sua pele,
— Tão lindo que era, agora vae murchando...

E aquela, meio ingenua, meio louca,
A Assumpçãosita de perfil hebreu
Que já tem rugas a afeiar-lhe a boca,

E diz que a sua bòca envelheceu
Na lide, na fadiga permanente
Dos beijos que emprestou e recebeu
Com largos juros, usurariamente...

E a Izabelinha, essa d'olhar d'anhidro,
Que poz nas almas dos que a viram perto
Os sulcos que o diamante faz no vidro...

E a Julia, macerada como as santas,
Esbelta e grácil como um lirio aberto,
E tantas outras tricaninhas, tantas...
— Foi a siranda que as perdeu, de certo.

Tiveram, como vós, um rosto lindo,
Bocas em flôr, peitos radiando esp'rança,
E olhos que as vissem, iam-nas seguindo,

Seguindo até ao mais que a vista alcança...
Ergueram-lhes os poetas, em louvor,
Como trofeus na ponta duma lança,
Sonetos, madrigais, odes d'amor.

Guitarras flebeis e violões chorosos
Passavam noite velha ás suas portas,
Pedindo beijos, insinuando gosos...

E escutavam extaticas, absortas,
— Os olhos incendidos como brazas —
Vozes cantando-as pelas horas mortas
Numa caricia de ruflantes azas...

E deixou-se embalar naquelas trovas
Ligeiras, fementidas, perturbantes,
O seu amor de raparigas novas,

As capas negras desses estudantes,
Capas escuras como poços fundos,
Fizeram-lhes sonhar ideais distantes,
Outros ceus, outros astros, novos mundos...

Depois... depois, entre saudades e ais
(Que isto d'amores, pouca dura tem)
Foram-se embora, não voltaram mais,

Igual destino hemos de ter tambem...

DOMITILLA DE CARVALHO

NO CHOUPAL

Tristes choupos doentes, a morrer,
Braços longos erguidos numa prece,
Qualquer de vós ao meu olhar parece
A sombra fugidia do meu ser.

Vi-vos outrora ao lindo amanhecer
D'um dia que tão cedo me anoitece;
Mais tarde, na aleluia de ascender
Para um sol... que hoje brilha e não aquece!...

Sob o ceu pardacento, que mal vejo,
Vai galopando o funebre cortejo
Dos vossos corpos nus e descarnados.

Nem vestigios diviso d'outras eras,
Quando o riso das vossas primaveras
Embalava os meus sonhos encantados...

Outono. Em viajem.

AFFONSO LOPES VIEIRA

LINDA INÊS

Choram ainda a tua morte escura
Aquelas que chorando a memoraram;
As lágrimas choradas não secaram
Nos saüdosos campos da ternura.

Santa entre as santas pela má ventura,
Rainha, mais que todas que reinaram;
Amada, os teus amores não passaram
E és sempre bela e viva e loira e pura.

O Linda, sonha aí, posta em sossêgo
No teu muymento de alva pedra fina,
Como outrora na *Fonte* do Mondego.

Dorme, sombra de graça e de saudade,
Colo de Garça, amor, moça menina,
Bem-amada por toda a Eternidade!

ESTORIA DA RAINHA SANTA

(Do Romanceiro do arquipelago da Madeira)

Ao Padre-Santo pediu
lo senhor Dom Manoel
que lhe confirmasse santa
la rainha Isabel

Esta rainha tão santa,
mulher d'el-rei Dom Denis,
só fez por servir a Deus,
e ele fez quanto quis
Todal las suas esmolas
só em secreto las dava:
e uma vez qu'escondidas
no regaço las levava,
um cavaleiro privado
a el-rei la delatava:
e el-rei, de cubiçoso,
acorreu, e preguntava:
— « Que levais aí, senhora,
nesse regaço tamanho? »
— « Eu levo cravos e rosas,
que outras coisas nã tenho »
— « Nem sequer ha maravilhas;
menos cravos, em Janeiro!
Ou serão esmolas isso,
ou isso será dinheiro? »
La rainha nã falou;
só lo regaço abriu:
e eram cravos e rosas,

que dinheiro... nã se viu.
Doutra vez foi recolher se;
seu pobre n'alcova achou;
e logo lo despe e lava,
e na cama lo deitou.
Lo cavaleiro privado
a el-rei la delatou;
e el-rei, de suspeitoso,
acorreu, e lhe raivou:
— « Pelejo vosco, senhora,
que sou de vós agravado.
Na cama em qu'eu me deito
quem nela está deitado? »
E, mui iroso, el-rei
las roupas alevantou:
viu Jesus crucificado,
e logo ajoelhou.

E disse:

— « Meu Bom-Jesus do Calvario,
meu Jesus crucificado,
emendai la minha vida,
emendai lo meu reinado ».

La nossa Rainha Santa
outros milagres obrou:
a uma cega deu vista,
e outra, muda, falou;
outra, que nã tinha leite,
lo filhinho aleitou;
e, com tamanhos milagres,
santa, bem santa, ficou.

ROMANCE DE DONA INÊS

(Lição Ms. do seculo XVIII)

Dos ricos paços de Coimbra
nobre Infante se partia,
com seus pagens e criados
para rial montaria.
Vai em ginete formoso,
que encantava quem o via;

leva seu açôr em punho
falcoeiro a quem cumpria.
Da mui bela Dona Inês
com amor se despedia,
mal sabia seu esposo
que nunca mais a veria !
Embuçado no seu manto
o belo rosto cobria;
para não verem o pranto
que de seus olhos corria.
No seu ginete alazão
oh que saudoso que ia !

— Onde vais, senhor Intante ?
Mal haja tal montaria !
Mau fado, senhor Dom Pedro,
te traz essa romaria,
volta depressa a teus paços
que matam tua alegria !
Mas em vão, que seu fadário
destinado assim o havia !
Ficou sozinha a esposa
tão exposta a tirania.
A sua voz maviosa
toda a noite se ouvia,
cantando suas saudades
com mui triste melodia ;
seu cantar mui lastimoso
neste sentido dizia :

« Meu Infante, meu senhor,
que me déste a regia mão,
escuta lá d'onde estás
da tua Inês a canção.

« Já não podem meus suspiros
chegar ao teu coração ;
repitam montes e vales
de tua Inês a canção.

« Em prantos mui lastimosos
está esta habitação ;
só se ouve nestes paços
da tua Inês a canção.

« Os meus olhos tão quebrados
sangue choram, que al não !
Sabem de cór estes vales
da tua Inês a canção ».

OS ESTUDOS DE COIMBRA

(Despique de conversados)

— Os estudos de Coimbra
para te amar aprendi ;
com penas e saudades
uma carta te escrevi.
« Com penas e saudades
o meu coração chorou ;
a carta que me escreveste
ainda cá não chegou.
— Antoninha, cara linda,
eu queria-te falar ;
a vergonha me retira,
o amor me faz chegar.
« Eu falar-te, falaria
de todo o meu coração ;
quem me dera adivinhar
qual era a tua tenção.
— A minha tenção é boa,
mas é só para comtigo ;
se eu sair desta terra
heide-te levar comigo.
« Eu comtigo não iria,
que diria a minha gente ?
Que ficára desta terra
desterrada para sempre.
— Ó menina, não se assuste,
não é caso de assustar ;
se eu em fama te meter,
da fama te hei de livrar.
« Eu a fama não a tenho,
mas ela me póde vir ;
fale baixo, não acorde
meu pai, que está a dormir.
— Teu pai, que está a dormir,

está em sono sossegado ;
diga-me, ó minha menina,
se eu serei do teu agrado ?
« Oh, do meu agrado é,
que mais o não póde ser ;
ausente da minha vista,
melhor me fôra morrer ».

CÂNTICO DAS FREIRAS

de S.ta Clara de Coimbra, que era entoado junto do tumulo da Rainha Santa

Côro : Rainha Santa, esclarecida,
rogai a Deus eternal,
que nos dê Graça e dê vida.
Santa Isabel, escolhida
Rainha de Portugal.

Voz : Aquele sceptro e coroa,
só por Deus deixastes vós,
e viestes em pessoa
viver aqui entre nós.
Pois o vosso corpo temos
aqui, por dom celestial,
Graça do Senhor queremos
para que nós imitemos
vossa vida Angelical.

Pedi a Nosso Senhor
que nos dê vida e dê Glória,
e que á alma dê vitória
quando da vida se for.
Fostes, Rainha Sagrada,
em santidade Rial,
que, de honesta e humilhada,
e á observancia ligada,
trouxestes sempre o sinal.

Ás vossas devotas, pois,
por vossa mão amparai,
e tambêm a Deus rogai
que nos faça como sois.

De contínuo imploraremos
socorro Celestial,
constantemente nos temos,
e a Deus Trino imploraremos
por meio tam principal.

Que assim como heis alcançado
coroa de vida Eterna,
este convento humilhado
bem deseja a sempiterna;
e isto com vosso favor,
com intercessora tal,
Santa Isabel de valor,
Rainha de Portugal,
rogai por nós ao Senhor.

CANTIGAS POPULARES

Coimbra, nobre cidade,
onde se formam doutores;
aqui tambem se formaram
os meus primeiros amores.

—

O Coimbra, ó Coimbra,
que fazes aos estudantes?
vẽem de casa uns santinhos
e vão de cá uns tratantes.

—

O amor de um estudante
não dura mais que uma hora:
toca o sino, vai pr'ás aulas,
vem as ferias, vai-se embora.

—

A capa do estudante
é como um jardim de flores,
toda cheia de remendos,
cada um de varias cores.

—

A sua capa, senhor,
vale abraços, vale beijos;
foi feita de tranças pretas,
foi tecida com desejos.

Ó minha mãe não me mande,
a Coimbra vender pão,
que lá vem n'os estudantes:
— Padeirinha de feição.

—

Igreja de Santa Cruz,
toda de pedra morena,
dentro de ti ouvem missa
uns olhos que me dão pena.

—

Coimbra, nobre cidade,
bem te podem chamar côrte,
que tens a Rainha Santa
da banda d'alêm da ponte.

—

O cidade de Coimbra,
arrazada sejas tu
com beijinhos e abraços...
Não te quero mal nenhum!

—

Em Coimbra tenho o corpo,
em Santa Clara os sentidos;
no convento os meus amores
lá ficaram recolhidos.

—

Fui á fonte do Cidral
encher o meu cantarinho;
minha sogra me ajudou
e mais o meu amorzinho.

—

O meu amor é estudante,
estudante de latim;
s'êle se chega a formar
ninguem tenha dó de mim.

—

Campos verdes de Coimbra,
cheios de canaviais...
Quem se fia em estudantes
o que recebe são ais.

Não me lembrava Coimbra
nem que tal cidade havia;
agora nunca m'esquece
nem de noite nem de dia.

—

Atirei c'um limão verde
de Santa Clara ao cais,
para ver se m'esquecias...
Cada vez m'alembras mais.

—

Estudantes de Coimbra
moram por baixo da ponte;
por causa das raparigas
muito çapato se rompe.

—

Inda agora aqui passou
Antoninho p'ró estudo:
cara de neve coalhada,
olhos de limão maduro.

—

Já dá o sol na Calçada,
tambem dá em Santa Cruz,
tambem dá nesse teu peito,
Emilinha de Jesus.

—

Os areais de Coimbra
semeados que darão?
Darão meninas bonitas
para a minha perdição.

—

Se Coimbra fôsse minha
como é dos estudantes,
mandava-a logo cercar
de vasos de diamantes.

—

Quem me dera agora estar
onde tenho o pensamento:
desta terra para fóra,
de Coimbra para dentro.

Nunca eu fôra a Coimbra
nem passára por Sansão ;
nunca vira esses teus olhos
que tanta pena me dão.

—

Rio que vais para baixo,
que não voltas para cima :
rio, leva-me uma carta
ao meu amor de Coimbra.

—

Daqui a Coimbra é longe,
não chegam lá meus sentidos ;
mas se acaso lá chegarem,
chegam mais mortos que vivos.

—

Já pedi que me enterrassem
no areal do Mondego ;
para ouvir os estudantes,
para ter algum sossêgo.

—

No colegio de Coimbra
para te amar aprendi ;
com *pena* de te não ver,
uma carta te escrevi.

—

O casaria de Coimbra,
toda branca de luar
lá na janela mais alta
está o meu amor a estudar.

—

Coimbra, nobre cidade,
onde se vai a preguntas ;
é de lá que hei de trazer
sete raparigas juntas !

—

Linda terra é Coimbra
a mirar-se no Mondego :
é com'á mulher vaidosa
que se está a ver ao espelho.

Quando eu era rapariga
ia á tarde ao Ó da Ponte,
namorar um estudante
assentadinho defronte.

—

Meu amor, eu dou-te um raio,
um raio do meu olhar :
tu dêle faz candieiro
para de noite estudar.

—

A cidade de Coimbra
não ha outra em Portugal :
tem lá reis, tem lá rainhas,
é uma cidade Rial.

—

Rainha Santa Isabel,
ao alto de Santa Clara :
trazei-me aqui o meu homem
que não sei adonde pára.

—

Rainha Santa Isabel,
que destes esmola ao pobre :
hei de vos dar um manto
da côr do ceu que vos cobre.

—

Eu hei de ir p'lo San João
á fonte do Castanheiro,
para ver um estudante
que é o meu amor primeiro.

—

Ó laranjais de Coimbra,
não torneis a dar laranjas !
Quem comigo as apanhava
já lá está nessas estranjas...

—

Adeus, ó largo da Feira,
cercado de cravos brancos,
onde o meu amor passeia
Domingos e dias santos.

Adeus, ponte de Coimbra,
aguas claras do Mondego.
Diga-me, minha menina,
se quem ama tem sossêgo ?

—

Adeus, ó fonte de Inês,
onde ela chorou p'lo rei ;
tambem a agua dos meus olhos
co'a tua já misturei.

—

Adeus, ó rua Direita,
rua Direita aos Loyos ;
ao cimo daquela rua
namorei esses teus olhos.

—

Adeus, olivais do Pio,
cemiterio da ternura,
onde eu hei de ir enterrar
a minha pouca ventura.

LAUS DEO,
MONDAE LAUDES

ADDENDA & CORRIGENDA

VELHOS CANTARES. — Se no plano dêste Cancioneiro não se adoptasse a localização directa como condição essencial, a primeira composição que nele teria entrado, seria o palpitante *cantar* de D. Gil Sanchez, o bastardo del rei D Sancho e da celebrada *Ribeirinha*, clérigo que amou D. Maria Garcia de Sousa, dona que em Montemór vivia.

Este cantar, que a seguir se estampa, é pois a mais antiga das poesias ligadas a Coimbra — onde se cuida que fala o trovador — depois dessa outra que el rei D. Sancho compôs para a sua amada espalhar *em Coimbra* suas próprias saudades, e que fica para nós, não apenas como a avó veneravel (e quam adoravel e moça) do nosso Lirismo, mas ainda do lirismo tradicional dos saudosos campos. Eis os formosos versos :

Tu, que ora vẽes de Monte maior,
tu, que ora vẽes de Monte maior,
digas-me mandado de mia senhor,
digas-me mandado de mia senhor,
ca, se eu seu mandado
non vir, trist'e coitado
serei, e gran pecado
fará, se me non val,
ca en tal ora nado
foi que, mao-pecado !
amo-a endõado
e nunca end'ouvi al !

Tu, que ora viste os olhos seus,
tu, que ora viste os olhos seus,
digas-me mandado d'ela, por Deos,
digas-me mandado d'ela, por Deos,
ca, se eu seu mandado
non vir, trist'e coitado
serei, e gran pecado
fará, se me non val,
ca en tal ora nado
foi que, mao-pecado !
amo-a endõado
e nunca end'ouvi al !

GIL VICENTE. — Para não fragmentar demasiadamente o texto, não se incluiu entre os excerptos a passagem da fala de *Belicrasta* na *Comedia da Devisa da Cidade,* — passagem comtudo saborosíssima, por se dela ver que o Auto foi representado na propria sala dos paços de Santa Clara a velha onde Dona Inês foi morta :

Todos os Crastos procedem de mi,
forão d'antigamente mui leais :
mui poucos delles vereis liberais :
pola maior parte são bons pera si.
As mulheres de Crasto são de pouca fala,
fermosas e firmes, como saberês
pola triste morte de Dona Inês
a qual de constante morreo nesta sala.

No romance jogralesco da *Farsa dos Almocreves* (pág. 19) deve ler-se : — « Polos campos *do* Mondego ».

JORGE DE MONTEMÓR. — O poeta não se refere directamente a Coimbra em seus versos, mas todo o drama do seu amor se enleia nos saudosos campos onde *el pastor Portugues* suspira á mulher amada : — « Passa, fermosa pastora, a sesta á sombra destes salgueiros... Pentea, fermosa pastora, os teus cabellos douro, que eu irey em tanto a repastar teu gado... » Por nos versos faltar a localização, se não incluiu esta Cantiga, todavia *coimbrã* pelo sentimento, pelo ritmo e pela côr, dêsse Coimbrão saudoso em Castela :

Sospiros, minha lembrança,
Não quer porque vos não vades,
Que o mal que fazem saudades
Se cure com esperança.

A esperança não me val
Por a causa em que se tem,
Nem promete tanto bem
Quanto a saudade faz mal.
Mas amor, desconfiança,
Me derão tal calidade,
Que nem me mata saudade,
Nem me dá vida esperança.

Errarão se se queixarem
Os olhos com que eu olhey,
Porque não me queixarey
Em quãto os seus me lembrarem.
Nem poderá aver mudança
Iamais em minha vontade,
Ora me mate saudade,
Ora me deyxe esperança.

P. S. — Animou-nos o ardente desejo de que êste Cancioneiro ficasse como a mais bela antologia portuguesa, lírica e elegíaca. Rejeitámos por isso muitas composições dos séculos XVII e XVIII, entre elas algumas características como quadros de costumes. Rejeitámos todas as poesias em castelhano, a começar pela *Fabula do Mondego*, de Sá de Miranda, e, com mágua, o Soneto de D. Francisco Manuel, em que o poeta pede ao rio Arunca que « não diga ao Mondego, que sua desgraça essa ribeira habita ». Evitámos piedosamente que á Rainha Santa Isabel subissem os versos gongóricos que tam mal se ajustariam á linha Primitiva da Santa.

Dos Românticos á actualidade, só colaboraram antigos *coimbrões*. Demos á geração ultra-romântica a representação que êstes poetas — ontem ainda desdenhados — merecem pelo portuguesismo e pelo sentimento. Quereriamos, emfim, que êste Cancioneiro fôsse realmente — áparte raras inevitaveis passagens — o devocionário dos amantes espirituais de Coimbra. A Coimbra do pitoresco *exterior*, essa, é outra. — E foi á *Madonna* que nós quisemos prestar culto.

Na 2.ª linha da 2.ª página do *Prefácio*, leia-se : — *embalançadas*.

PÁG. 53. — Leia-se, no 1.º verso da 5.ª estancia de Brás Garcia — « Bem tenho á minha custa *exprimentada* ».

PÁG. 54. — O 7.º verso do Soneto de Manuel Tavares Cavalleiro, deve ser lido : — « Que o tormento, a que *morre* vinculada ».

PÁG. 60. — Leia-se, no 7.º verso : — *Magnanima* confere.

PÁG. 95. — Na 3.ª quadra, leia-se : — *Prateia* monte e valle ».

TABOADA

TABOADA

Prefacio 7

Garcia de Resende 11
Gil Vicente 17
Bernardim Ribeiro. 20
Cristovam Falcão 21
Francisco de Sá de Miranda 22
Luis de Camões... 29
Diogo Bernardez 36
Ignacio de Morais.. 37
Antonio Ferreira 37
Vasco Mousinho de Quevedo. 44
Francisco Rodriguez Lobo 46
Bras Garcia de Mascarenhas.. 52
Manuel de Azevedo 53
Manuel Tavares Cavalleiro 54
Fr. Jeronymo Vahia 54
Anónimo 55
João Xavier de Mattos 55
Filinto Elysio 56
Bocage 58
Nicolau Tolentino de Almeida 62
L. P. de O. Pinto da França 63
Antonio Ribeiro dos Santos 64
Almeida-Garrett... 64
A. F de Castilho 69
Poetas do « Trovador ». 77
João de Lemos 77
A. X R. Cordeiro 81
A. Lima 82
A. M. Couto Monteiro 82
Antonio de Serpa.. 83

F. de Castro Freire 86
J Freire de Serpa.. 87
F. Palha 88
A. A Soares de Passos 89
A. Ayres de Gouvêa 90
Thomaz Ribeiro 91
Amelia Janny 93
João de Deus 94
Theophilo Braga 95
Anthero de Quental 96
J. Simões Dias 97
João Penha 98
Gonçalves Crespo 98
Conde de Sabugosa 100
Antonio Feijó 100
Manuel da Silva Gayo... 101
Alfredo da Cunha 106
Queiroz Ribeiro 107
Alberto Osorio de Castro 109
Camillo Pessanha.. 110
Eugenio de Castro. 110
Antonio Nobre 112
Alberto d'Oliveira 116
Antonio H. de Mello (Toy) 118
D. Thomaz de Noronha. 119
Guedes Teixeira... 119
Augusto Gil 121
Domitilla de Carvalho... 123
Affonso Lopes Vieira... 123
Estoria da Rainha Santa 125
Romance de Dona Inês 126
Os Estudos de Coimbra. 128
Cantico das Freiras 129
Cantigas populares 130

Addenda & Corrigenda 137

As Armas da Cidade de Coimbra foram desenhadas para este Cancioneiro pelo professor A. Gonçalves.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 04 05 09 003 9